

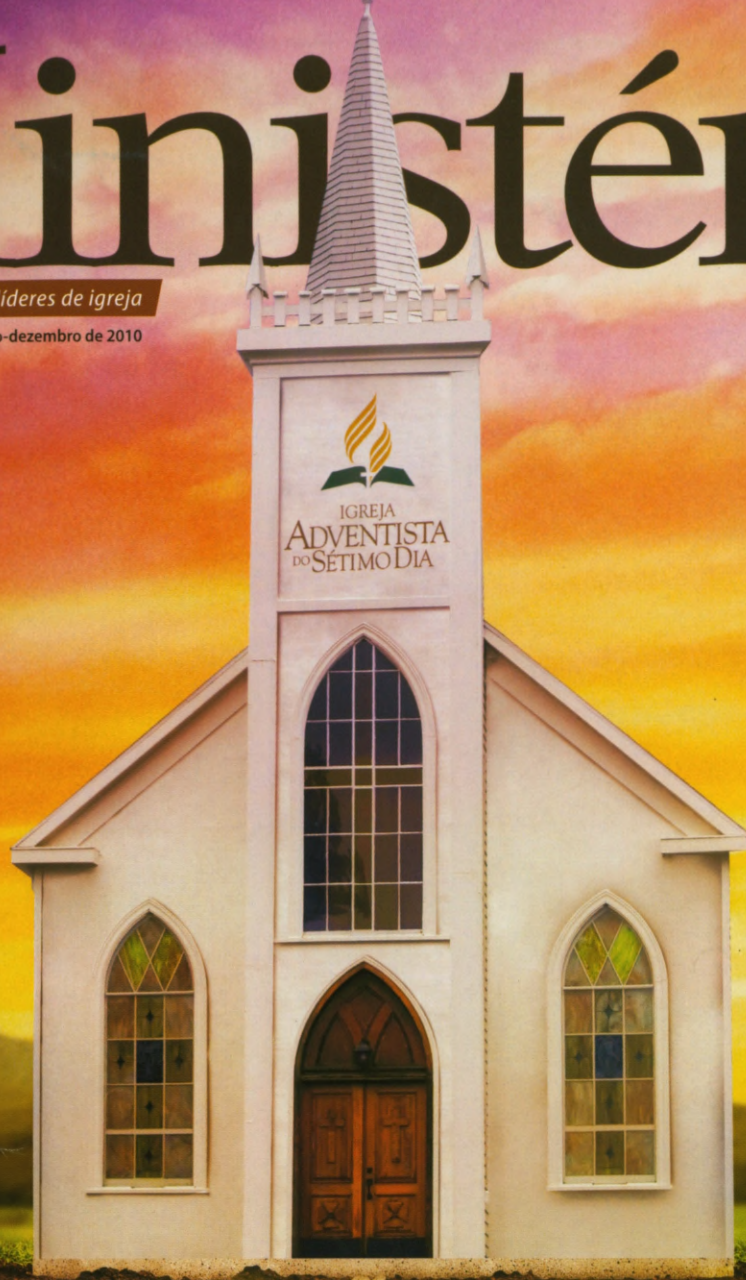
Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

novembro-dezembro de 2010



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA



Movimento de plantio

Fatores que garantem o êxito no estabelecimento de novas igrejas

Como preservar a voz do pregador, p. 14

A igreja e a mídia, p. 23

Evangelismo Público
Oração Intercessória
Pequenos Grupos
Educação Família
Voluntariado
Ministério Pessoal
Classes Bíblicas
Oração
Duplas Missionárias
Amor-Ministério Pessoal
Relacionamentos
Educação
Renovação Amor
Oração
Amor-Ministério Pessoal
Voluntariado
Pequenos Grupos
Obras Missionárias

AMOR
HONRA

Exemplar avulso: R\$ 9,90



Nos braços de Deus

O jovem casal frequenta a mesma igreja que minha esposa e eu frequentamos. Eu o tinha visto muitas vezes, mas aquela vez foi diferente. A jovem mãe carregava nos braços um presente especial: seu recém-nascido bebê (uma menina). Mas, o que realmente captou minha atenção foi a expressão da face do bebê. Embalada pelos braços da mãe, ela dormia serenamente, e a expressão do seu rostinho era a de um bebê que estava absolutamente tranquilo. Sua face não revelava nenhuma preocupação ou desconforto; em vez disso, era um quadro vivo de contentamento e segurança. Pensei: “Na verdade, ela está segura nos braços de sua amorosa mãe”.

Enquanto escrevo este texto, mal posso imaginar que mais um ano está terminando e outro está às portas. Os desafios de 2010 – financeiros, políticos – me fazem perguntar o que 2011 nos trará. Serão as incertezas de 2010 transportadas para 2011? Muito provavelmente sim, e outras serão acrescentadas.

Nações, famílias e indivíduos, inclusive pastores, buscam segurança. Podemos querer segurança, mas onde a encontraremos? Devo adiantar que a segurança verdadeira e duradoura vem de Deus, Aquele que nos chamou para o ministério pastoral. Assim como a filhinha dos nossos amigos desfrutava segurança nos braços de sua amorosa mãe, você e eu também podemos encontrá-la nos braços de Deus.

Não sei o que enfrentaremos no próximo ano, mas oro para que você busque e encontre refúgio nos braços do Senhor. Oro para que, ao você experimentar desafios espirituais em sua vida, ao se perguntar como pode ajudar pessoas com necessidades espirituais, também se lembre de que seu desenvolvimento espiritual é experimentado nos braços de Deus. Lembra-se da bênção que Moisés pronunciou sobre os israelitas? “O Deus eterno é a tua habitação e, por baixo de ti, estende os braços eternos” (Dt 33:27).

Essa mesma bênção está disponível a nós e os mesmos

braços eternos nos enlaçam. Embora desconheçamos o futuro, estou certo de que cada um de nós deseja experimentar a segurança que vem de Deus. Além disso, os mesmos braços que nos dão segurança querem envolver nossa família. Vamos confiá-la aos cuidados de Deus.

Onde quer que você exerça seu pastorado, seja como pastor de igreja, capelão, professor, administrador, diretor de departamento, esse ministério envolve serviço e, nesse serviço, enfrentamos desafios que não gostaríamos de enfrentar. Que desafios nos aguardam? Será uma indesejada mudança? Uma decisão administrativa diferente daquela que esperamos? Duras críticas, apesar do dedicado trabalho realizado? Seja qual for o desafio, Deus não o ignora. O profeta Isaías partilhou com os israelitas uma promessa também disponível ao povo de Deus hoje: “Como pastor, apascentará o Seu rebanho; entre os Seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam Ele guiará mansamente” (Is 40:11).

Aqueles a quem nós servimos, mesmo que discordem de nós, também necessitam da segurança que vem de Deus. E Ele, de boa vontade, os tomará em Seus braços.

Na transição de um ano para outro, normalmente pensamos em alvos, planos e sonhos para o ano que chega. Isso é bom, mas quero sugerir que, desta vez, focalizemos a segurança que todos nós desejamos. Neste mundo em que a segurança frequentemente é ilusória, Deus não Se esqueceu de nós. Em Sua oração sacerdotal, Jesus orou por Seus seguidores: “Quando Eu estava com eles, guardava-os no Teu nome, que Me deste, e os protegi, e nenhum deles se perdeu” (Jo 17:12). Essa proteção ainda está disponível, e nós a experimentamos quando permitimos que nosso Pai nos carregue seguros em Seus braços.

Agradeçamos a Deus tudo o que experimentamos neste ano. Continuemos agradecidos a Ele, ao enfrentarmos os desafios e lutas do próximo ano. Busquemos sempre a duradoura segurança dos braços do Senhor. ■

“Quando Eu estava com eles, guardava-os no Teu nome... e os protegi, e nenhum deles se perdeu”

Editor:
Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação:
Lenice F. Santos

Chefe de Arte:
Marcelo de Souza
Designer Gráfico:
Marcos S. Santos
Capa:
Rogério Chimello e Marcos S. Santos

Colaboradores Especiais:
Bruno Raso; Jerry Page;
Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:
Augusto M. Cárdenas; Bolívar Alana;
Edilson Valiante; Felix Santamaria;
Heriberto Peter; Horácio Cayrus; Ivanaudo
B. Oliveira; Jair Garcia Góis; Leonino
Santiago; Luiz Martinez; Montano de
Barros Netto; Nelson Suci; Samuel Jara;
Valdilho Quadrado; Walter Dávila.

Diretor Geral:
José Carlos de Lima
Diretor Financeiro:
Edson Erthal de Medeiros
Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa


SERVICO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br


Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista **Ministério** deve ser enviado para
o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 47,60
Exemplar Avulso: R\$ 9,90

 **CASA
PUBLICADORA
CASA
BRASILEIRA**

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

 Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer
meio, sem prévia autorização escrita do
autor e da Editora.

Tiragem: 6.000 exemplares 5972/23521



Foto: Daniel Oliveira

É tempo de plantar

Os missiólogos em geral são pródigos nas referências que fazem à preponderância do pastor no crescimento e plantio de igrejas. Para Peter Wagner, por exemplo, “o primeiro fator catalítico para o crescimento da igreja é o pastor” (Citado por Joel Sarli, *O Crescimento da Igreja*, p. 62). Charles Chaney e Ron Lewis insistem na mesma tecla: “A maioria das igrejas crescentes tem um forte, dinâmico e agressivo pastor como líder” (Ibid., p. 63).

Porém, alguns pastores, talvez, pressionados pelas influências socioculturais do ambiente em que vivem, necessitem de maior entusiasmo pelo plantio de igrejas. Felizmente, há situações alvissareiras. Na América do Sul, números do Departamento de Missão Global da Divisão Sul-Americana indicam que quase três pastores (2,9) plantam um novo grupo adventista a cada ano. E não podemos ter em mente outra coisa que não seja uma escalada crescente desse índice. Afinal, esse é um plano bíblico, implícito na grande comissão (Mt 28:19-20) e exemplificado pelo ministério do apóstolo Paulo (Rm 15:20-24; 2Co 10:13-16). Como diz Russel Burrill, “a implantação de novas igrejas é o objeto de toda estratégia de missão... Somente quando a prioridade de implantação de igrejas for restabelecida, e quando novas igrejas forem continuamente implantadas, é que verificaremos o crescimento fantástico visionado pela grande comissão” (*Discípulos Modernos*, p. 60).

Ainda segundo Burrill, os primeiros adventistas seguiram os passos da igreja apostólica e “desenvolveram um ministério composto principalmente de evangelistas e plantadores de igreja. Durante os primeiros 50 anos da organização, não havia pastores responsáveis pelas congregações. Anciãos locais nutriam a igreja e a lideravam na evangelização do seu território. O ministério adventista nos primórdios era livre para evangelizar novos lugares e implantar neles novas igrejas” (Ibid., p. 56).

Mas, considerando que o Espírito Santo não sanciona esforços desordenados, devemos trabalhar sob o mais abrangente planejamento (*Evangelismo*, p. 41, 42, 53-65). E, sem nos esquecermos de que, embora Paulo capacitasse líderes locais e a eles delegasse a responsabilidade pela administração das novas igrejas, ele continuava a nutri-las e edificá-las espiritualmente através de cartas e posteriores visitas.

“Não temos tempo a perder. O fim está próximo. Em breve a passagem de um lugar para outro a fim de transmitir a verdade será cercada de perigos à direita e à esquerda. Tudo será feito para obstruir o caminho dos mensageiros do Senhor, de modo que não possam realizar o que lhes é possível executar agora. Cumpre-nos olhar de frente nossa obra, e avançar o mais depressa possível em luta intensa” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 30, 31). ▀

Zinaldo A. Santos

10 SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

Mensagem devocional sobre a abrangência da missão do pastor.

12 DESAFIOS DA CONSERVAÇÃO

Conheça novas estratégias para manter os membros na igreja.

14 A VOZ DO PREGADOR

Como evitar o abuso ou uso incorreto desse valioso dom.

17 MOVIMENTO DE PLANTIO

O caminho para o sucesso no planejamento e execução da multiplicação de igrejas.

21 SÁBADOS, FESTAS E LUA NOVA

Por que os cristãos não devem observar os festivais levíticos?

23 A IGREJA E A MÍDIA

Providências necessárias à manutenção da boa imagem da igreja diante do público.

25 LEIA COM ATENÇÃO

Resenha crítica de dois famosos livros sobre crescimento de igreja.

28 PECADO E GENÉTICA

Existe algum fator hereditário que leva o ser humano a pecar?

31 MAIS QUE UM BIOCHIP

O ponto culminante da crise final não se refere a tecnologias nem marcas literais.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

33 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“O egoísmo de manter grandes grupos reunidos não é plano do Senhor. Entrem em cada novo lugar que lhes seja possível e comecem a obra de instruir nas vizinhanças os que ainda não ouviram a verdade.”

Ellen G. White



Foto: Cortesia do entrevistado

A toda tribo, língua e povo

"Quando ouvi o apelo para trabalhar com povos indígenas, não pensei duas vezes e aceitei o desafio. Hoje me sinto à vontade entre eles"

por **Luzia Paula**

Assessora de Imprensa da Missão do Tocantins

Formado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp, campus Engenheiro Coelho, desde 2004 o pastor Matson Santana tem dedicado sua vida ao ministério pastoral entre os povos indígenas no território da União Centro-Oeste Brasileira, Ucob. Dotado de diversas habilidades linguísticas e conhecimento de várias culturas, Santana coordena o Minis-

tério Nativo, MN, que foi criado em dezembro de 2009 com a finalidade de prestar apoio assistencial e pastoral entre os povos indígenas da região Centro-Oeste do Brasil.

Natural de Brasília, Santana é casado há doze anos com a pedagoga Luana Santana com quem tem dois filhos: Sara e Jônatas. Desde julho deste ano, ele permanece em treinamento na sede da organização adventista *Adventist Frontier Mission*,

em Michigan, nos Estados Unidos, recebendo orientações direcionadas para o trabalho missionário entre as comunidades indígenas do Brasil. De lá, Santana falou sobre os desafios do trabalho realizado entre as tribos indígenas no estado de Tocantins, sobre a criação do MN e sobre a recente parceria firmada entre esse ministério e o Núcleo de Missões e Crescimento de igrejas, Numci, do Unasp.

Ministério: *Como surgiu a ideia de se criar um departamento exclusivo para evangelizar os indígenas?*

Santana: Durante o período em que tive oportunidade de trabalhar com os índios Karajás da Ilha do Bananal, no Tocantins, entre novembro de 2004 e dezembro de 2009, percebi a necessidade de nos organizarmos em torno de um projeto específico para os nativos. Surgiu então a proposta de se criar um modelo de trabalho que pudesse ser multiplicado, com o propósito de atender aos novos desafios étnicos entre nações indígenas dentro da União Centro-Oeste Brasileira. Atualmente, existem aproximadamente 180 línguas indígenas e 210 grupos e etnias vivendo em todo o território brasileiro. Diante dessa vasta diversidade cultural, com uma estrutura bem organizada, poderemos ajustar planos eficazes para estabelecer pontes sensíveis que sejam úteis à vida desses nativos e que os responsabilize no contexto do reino de Deus. Cada indígena poderá ser um missionário, pastor e líder comunitário capaz de influenciar para o bem suas respectivas gerações presentes e futuras.

Ministério: *Conte um pouco sobre sua experiência inicial com as tribos indígenas.*

Santana: Em novembro de 2004, durante um concílio pastoral realizado pela Associação Planalto Central, Aplac, os administradores fizeram um convite para quem desejasse trabalhar com povos indígenas localizados no território da União Centro-Oeste Brasileira. Ao ouvir aquele apelo, não pensei duas vezes e aceitei o desafio. Foi assim que eu, minha esposa, Luana, e nossos dois filhos, Sara e Jônatas, partimos para a Ilha do Bananal a fim de dar continuidade a um trabalho já realizado por vários missionários e pastores durante o período de quase 80 anos. Nosso primeiro contato foi na aldeia de Hawâló e o primeiro sábado foi

um pouco diferente para nós. Não tínhamos embarcação própria e, por isso, foi difícil atravessar da cidade de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, onde morávamos, para a aldeia Karajá de Hawâló. Depois de nos apresentarmos, voltamos para a beira do rio Araguaia na expectativa de retornarmos à cidade. De início, percebemos que teríamos que nos ajustar às novas formas de convívio, de linguagem e de mentalidade social. Hoje, me sinto à vontade com aqueles a quem aprendemos a respeitar, admirar e amar.

Bananal, TO. A tradução do Antigo Testamento para a língua karajá continua sendo produzida, em parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil, e esperamos lançar no fim de 2010 o primeiro livro do Antigo Testamento traduzido para essa língua.

Ministério: *Quais são os planos do Ministério Nativo para este ano?*

Santana: Iniciamos uma parceria missionária, com o Núcleo de Missões e Crescimento de Igreja do Centro Universitário Adventista de São Paulo, voltada para os indígenas.

“Semelhanças entre costumes do Antigo Testamento e a cultura dos karajás abrem caminho para a apresentação do evangelho a esse grupo”

Ministério: *Que avanços já ocorreram no Ministério Nativo?*

Santana: Já conseguimos alcançar alguns objetivos nesse primeiro estágio. Atualmente, temos o pastor Miraldo Fag-Tah que também é indígena, da etnia guarani, e desde o início do ano está na liderança do distrito da Ilha do Bananal. Também contamos com dois obreiros bíblicos, sendo que um é indígena, Juraci Bituare Karajá e outro não indígena, Manoel Neto do Nascimento. Juntos, eles desenvolvem habilidades de formação ministerial, liderança jovem, Desbravadores e Adra. Nosso objetivo é que, futuramente, tenhamos novos missionários engajados na tarefa de expandir esse novo ministério. Foram produzidos alguns materiais em língua indígena para atender aos programas evangelísticos deste ano, lançados pela Igreja Adventista. Por exemplo, para o Impacto Esperança, realizado em maio, produzimos 300 CDs áudio da revista *Um Dia de Esperança*, na língua iny ribé. Além disso, gravamos algumas canções do *Hinário Adventista* na língua karajá para a Semana Santa nas aldeias Javaé, na Ilha do

Com essa parceria, entre junho e julho deste ano, iniciamos o processo de implantação de novos projetos evangelísticos em áreas indígenas da União Centro-Oeste Brasileira: Projeto Apinajé, no Norte de Tocantins, e o Projeto Paresí, próximo à cidade de Tangará da Serra, no estado do Mato Grosso. Dando início aos projetos deste ano, entre 19 e 26 de setembro, foi realizado o projeto Missão Karajá, na Ilha do Bananal. Essa foi a terceira etapa da Missão Karajá e, neste ano, contamos com o auxílio de trinta profissionais voluntários das áreas de saúde, educação e evangelismo. Desejamos que esses voluntários partilhem e aprendam acerca dos valores referentes ao respeito bem como ao diálogo religioso e humanitário com os indígenas da região.

Ministério: *Recentemente, os povos indígenas brasileiros foram incluídos entre as etnias a ser evangelizadas com o auxílio do Núcleo de Missões e Crescimento de Igreja do Unasp. Como ocorreu esse processo e o que ficou estabelecido?*

Santana: Em março deste ano, a convite do diretor do Núcleo de Mis-

sões e Crescimento de Igreja, pastor Bernt Wolter, teve oportunidade de apresentar aos alunos da Faculdade de Teologia as ações do evangelho transcultural em terras nativas da região Centro-Oeste do Brasil. Tendo como principal enfoque a perspectiva missiológica, pude partilhar com alguns estudantes e professores daquela instituição um projeto piloto para que o evangelho de Jesus Cristo possa fluir com naturalidade junto às etnias. Estabelecemos um acordo estratégico e missiológico para que, nos próximos cinco anos, os estudantes do Numci estejam aptos a desenvolver projetos nas áreas educacional, ministerial e evangelística entre os nativos dos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins. Portanto, ficou estabelecido que, a partir de julho deste ano, as etnias indígenas receptivas à mensagem cristã adventista serão assistidas por esses projetos.

Ministério: *Que implicações isso poderá ter para o projeto de Missão Global na região Centro-Oeste do Brasil?*

Santana: Grupos e etnias indígenas que têm desafios evangelísticos e de missão global poderão ser conectados por meio da pregação em suas respectivas aldeias. Sendo assim, as comunidades que possuem uma dinâmica específica poderão ser alcançadas em um processo de contextualização do evangelho cristão adventista.

Ministério: *De acordo com o senhor, existem 27 pontos em comum entre a cultura karajá e o Antigo Testamento. Quais são alguns desses pontos e em que essas semelhanças contribuem para a evangelização desses povos?*

Santana: Trabalhando com os karajás e em parceria com o projeto de tradução do Antigo Testamento, descobri relações de estudo que possuem algum ou vários pontos em comum com a vida e com os costu-

mes sociais e religiosos de alguns períodos descritos na Bíblia. Alguns exemplos: Os karajás possuem o levirato semelhante ao descrito no capítulo 25 do livro de Deuterônimo, que apresenta conceitos como primogenitura, casamento monogâmico, acordo matrimonial entre familiares próximos, ritual de passagem para a maturidade, cânticos fúnebres e hierarquia patriarcal, entre outros elementos. Todas essas semelhanças fazem com que os nativos karajás associem seu modo de vida à cultura e história do mundo antigo. Esse detalhe pode ser um bom caminho para apresentarmos o evangelho a eles de maneira mais clara e acessível.

Ministério: *Para quais desafios os missionários deverão se preparar, caso escolham trabalhar com populações nativas deste vasto país?*

Santana: Sempre o maior desafio será encontrar caminhos que se demonstrem seguros para o diálogo respeitoso e convergente entre nativos, missionários e demais interessados. A comunicação do evangelho deverá ligar os valores morais, étnicos e sociais destes grupos indígenas ao plano universal de Jesus Cristo.

Ministério: *Ainda há resistência por parte dos nativos em relação ao evangelho?*

Santana: O evangelho precisa ser comunicado ao seu devido tempo e construído sobre a base do diálogo e respeito mesmo que haja resistência, pois a decisão humana sempre será um processo livre e de escolha voluntária. Acredito que até hoje os nativos que têm se alinhado ao nosso estilo de vida o fazem sob condições de liberdade e de satisfação pessoal pelo que Jesus pode realizar na vida deles. Toda resistência ao evangelho ocorre no coração de cada ser humano e cabe ao próprio indivíduo decidir se aceita ou não o senhorio de Jesus em seu modo de viver.

Ministério: *Que projetos assistenciais e evangelísticos a Igreja mantém nessas aldeias? Existem novos projetos em implantação?*

Santana: Mediante uma parceria entre a Adra local e o Clube de Desbravadores nas aldeias da Ilha do Bananal, no estado do Tocantins, iniciamos um programa de formação de habilidades nativas com algumas famílias karajás. O projeto envolve agricultura familiar, apicultura e piscicultura. Esse programa poderá servir de modelo para que outras etnias nativas tenham seus respectivos Clubes de Desbravadores e possam desenvolver seus programas de formação técnica e de manufatura. Sen-

“O evangelho precisa ser comunicado a todos os grupos étnicos, ligando seus valores morais, sociais e culturais ao plano universal de Jesus Cristo”

do assim, será possível desenvolver, com a juventude indígena e seus respectivos familiares, as habilidades culturais e de sustentabilidade social humanitária. Outro plano é estabelecer, junto à Agência Americana de Missionários Adventistas, patrocinadores, tanto no Brasil como em outros países, que possam manter famílias indígenas em um programa de trabalho missionário e de ensino manual a fim de proporcionar a sustentabilidade social e educativa nas aldeias indígenas do território da Ucob. Por fim, novos projetos socioeducativos poderão ser desenvolvidos por entidades, voluntários, missões, igrejas ou quaisquer indivíduos que desejem estabelecer parceria com o Ministério Nativo. Os interessados podem estabelecer contato pelos seguintes telefones: (63) 3219-8800 e (63) 9994-8352. ▀



Nosso tempo em família

“Dediquem a seus filhos algumas de suas horas de lazer; relacionem-se com eles; associem-se a eles em seus trabalhos e brinquedos e captem-lhes a confiança”

A sofisticação tecnológica e científica tem permeado todos os aspectos da vida moderna. O rápido avanço industrial nos promete economia no uso do tempo, disponibilizando-nos aparelhos eletrônicos que nos permitem fazer mais coisas em menos tempo. Podemos, por exemplo, enviar mensagens por telefone celular, *e-mails* e alcançar, simultaneamente, muitos amigos e familiares. Muita ênfase é dada quanto à rapidez da tecnologia. Mas, parece que, mesmo com toda tecnologia ao nosso dispor, facilitando a vida e economizando tempo, temos investido menos tempo com nossa família.

Jamais deveríamos menosprezar a importância da quantidade e qualidade de tempo que devemos passar com nossos filhos. Somos os principais responsáveis pelo uso desse tempo, através do envolvimento com eles em diferentes atividades. Essa é uma forma de

resgatar os valores familiares, inculcando nos filhos elos afetivos que fortaleçam a unidade entre os membros da família. Isso os ensinará e os tornará preparados para viver em sociedade.

Benefícios

O lazer com a família traz benefícios a todos os seus membros. Nos pais, ele imprime o sentimento de realização e dever cumprido. Entre os filhos, produz a confirmação de que são amados e especiais. E a repercussão desses momentos pode ser eterna. Esse é um investimento que não exige grandes recursos financeiros e contribui para a saúde física e mental de toda a família. Por outro lado, a falta desse investimento pode ter efeitos negativos na formação do caráter dos jovens e na saúde emocional dos adultos. Devemos dar aos nossos filhos o que há de melhor, ou seja, nosso tempo, nós mesmos.

Correria prejudicial

Vivemos numa época em que quase tudo é medido pela produtividade. Impera a lei do *marketing*, e tudo deve funcionar bem, produzir, realizar, alcançar algo, contribuir para o crescimento acadêmico ou financeiro. Nesse ambiente, somos influenciados a transmitir aos nossos filhos uma imagem de produtividade, fazendo-os sentir que o hoje, aqui e agora existem somente como investimento para o futuro; precisamos ter sucesso, e somente assim poderemos ser felizes ou ter tempo para o lazer. Como resultado, o tempo de muitas crianças e jovens é preenchido pelos compromissos, desde o momento em que acordam. A agenda inclui escola, aula de música, aula de inglês, prática de esportes, visitas ao médico e ao dentista, atividades extracurriculares e assim por diante. O tempo que sobra é preenchido pela TV ou com DVDs, computadores, internet e videogames. Hoje, as crianças são treinadas para sobreviver no amanhã, sendo privadas do valor que existe no presente. Roubamos-lhes o direito de ter pais participativos e dispostos a orientá-las em suas atividades.

O maior legado que podemos dar aos filhos é um caráter reto; não apenas um diploma que os capacite a ganhar o sustento neste mundo cada vez mais competitivo. O alcance do lar deve ir além da vida capitalista, deve chegar ao Céu.

O que fazer?

Em termos práticos, o que precisamos fazer a fim de prestar assistência adequada aos nossos filhos, diante das muitas atividades que também necessitamos realizar? Cada filho exige sua cota diária de atenção, conforme sua idade e maturidade. Embora não pretendamos ter a última palavra, com o passar dos anos, observamos algumas regras que nos têm ajudado bastante, as quais partilhamos com você. Elas podem ser adaptadas conforme as características de sua família.

1. Evite o excesso de enriquecimento extracurricular. Não queira se tornar um gigante intelectual, em detrimento dos filhos. Não queira fazer de seus filhos crianças prodígios, antes que estejam maduros para isso. Cada idade e nível de maturidade proporcionam novas abordagens de aprendizado. Não atrole os estágios de desenvolvimento. Quando equilibramos o uso do tempo, ele será suficiente para tudo. A criança que tem seu desenvolvimento apressado colherá consequências desagradáveis, na adolescência e na idade adulta.

2. Minimizar o uso da televisão e da internet. Durante os momentos de lazer, desligue o computador. Ele não pode ser considerado atividade de lazer. Aparelhos eletrônicos e tecnologia não são substitutos para a sadia interação familiar.

3. Não imponha seus interesses durante os momentos de lazer. Ao brincar com seus filhos, faça-o da maneira que eles gostam, dentro do aceitável, e conquiste-os pelo exemplo.

4. Observe cuidadosamente quem está recreando ou divertindo seus filhos. Se você não participa regularmente dos momentos de lazer deles, procure conhecer quem está dirigindo esses momentos, quem lidera a brincadeira, quais são as atitudes dos participantes, comparações negativas, linguajar, entre outras coisas.

5. Se você teve frustrações na infância, não queira exigir que seus filhos as resolvam. Se você sempre quis ser um bom jogador de futebol, mas não conseguiu, não exija que seu filho seja. Isso causará grande frustração a ele. Não se valha da zombaria, caso ele não preencha as expectativas alimentadas por você.

6. Não transforme o momento de lazer em tempo de competição. Nesses momentos, todos devem crescer juntos. Lazer e brincadeira fazem parte da vida. Não a leve tão a sério por causa da necessidade de obter sucesso, seja ele em que área for.

7. Evite misturar seu lazer com trabalho. Deixe de lado os compromissos, desligue-se mentalmente; não procure usar esse tempo para “aproveitar e fazer algo que seja útil”. Lembre-se de que brincar é útil para você e seus filhos.

8. Ensine seus filhos a apreciar a beleza da vida. Ao você demonstrar prazer por estar com a família, está dizendo que isso é agradável e bonito. Mostre a beleza da natureza, de atividades como pintar, tocar algum instrumento, cantar. Demonstre a beleza de viver.

9. Seja criativo dentro dos limites divinos. Aprecie o lazer indicado por Deus: “Há diferença entre recreação e divertimento. A recreação, na verdadeira acepção do termo – recriação – tende a fortalecer e construir. Afastando-nos de nossos cuidados e ocupações usuais, proporcionamos descanso ao espírito e ao corpo, e assim nos habilitaremos a voltar com novo vigor ao sério trabalho da vida. O divertimento, por outro lado, é procurado com o fim de proporcionar prazer, e é muitas vezes levado ao excesso; absorve as energias necessárias para o trabalho útil, e dessa maneira se revela um estorvo ao verdadeiro êxito da vida” (Ellen G. White, *Mensagens aos Jovens*, p. 361).

10. Finalmente, devemos viver a essência da mensagem de Gálatas 2:20: “Logo, já não sou eu quem vive”. Ou seja, necessitamos destronar o “eu” do nosso coração, colocando Cristo em primeiro lugar. O “eu” atrapalha a vida em família. Inclua todos os membros da família nas atividades de recreação e lazer. Invista tempo com a família. Será você a pessoa mais beneficiada. ■

“Devemos dar aos nossos filhos o que há de melhor, ou seja, nosso tempo, nós mesmos”



Pastor jubilado, reside em Vitória, Espírito Santo

Segundo o coração de Deus

"O verdadeiro pastor terá interesse em tudo quanto diz respeito ao bem-estar do rebanho, alimentando-o, guiando-o e defendendo-o"



Ao vir ao mundo, Jesus tinha a missão específica de "buscar e salvar o perdido" (Lc 19:10). A respeito de Si mesmo, Ele disse: "O Espírito do Senhor está sobre Mim, pelo que Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4:18, 19).

Essa missão foi a mesma conferida por Deus aos patriarcas e profetas, e partilhada com os discípulos, apóstolos e seguidores de Jesus em todos os tempos. Moisés, por exemplo, foi chamado por Deus a fim de conduzir Seu povo, da escravidão egípcia para a liberdade de Canaã. Ao conduzir seu rebanho nas agruras do deserto, ele foi um alimentador de esperança, incentivador de ideais, intercessor de fé, inspirador de confiança nas promessas de Deus,

exemplo de coragem e determinação, modelo de certeza na direção de Deus e de Sua presença constante junto ao Seu povo.

Houve outros fiéis comissionados pelo Senhor, tais como Enoque, Noé e Abraão. Como não reconhecer o trabalho dos profetas, em seu ministério de advertir e orientar o povo de Deus, levando-o ao arrependimento e salvação? Como não nos encantarmos com a renúncia e determinação dos discípulos e apóstolos? A missão por eles recebida também é nossa

missão, como pastores apascentadores e condutores de pessoas a Cristo. Ela foi expressa por Jesus a Pedro: "... Apascenta os Meus cordeiros... Pastoreia as Minhas ovelhas... Apascenta as Minhas ovelhas" (Jo 21:15-17).

Enfrentando desafios

Porém, a influência da modernidade, o avanço científico e tecnológico, a busca de realizações e grandeza efêmeras, a sobrecarga de atividades, entre outros fatores, tendem a transformar o pastor num mero instrumento de diretrizes humanas. Essa situação não é nova. Mesmo nos tempos bíblicos, os fiéis atalaias de Deus enfrentaram desafios e obstáculos no cumprimento da missão.

A Bíblia nos diz que Moisés falava face a face com Deus. Era seu privilégio manter comunhão pessoal com o Senhor, atuar como porta-voz na comunicação entre Deus e o povo. Essa atividade jamais deveria ser superada por outra; nada era mais importante. Mas, houve um momento em que Moisés se encontrou sobrecarregado com encargos que poderiam esgotá-lo física, emocional e espiritualmente, além de afastá-lo do que era mais importante. Então, foi advertido e aconselhado por Jetro, seu sogro: "Não é bom o que fazes... Representa o povo perante Deus, leva as suas causas a Deus, ensina-lhes os estatutos e as leis e faze-lhes saber o caminho em que devem andar e a obra que devem fazer" (Êx 18:19, 20). Moisés foi orientado a delegar responsabilidades entre auxiliares escolhidos (vs. 21, 22).

Entre os profetas do Antigo Testamento, Jeremias expressou, como nenhum outro, o lamento de Deus quanto ao descumprimento da missão por Ele confiada a Seus atalaias (Jr 6:14-16; 10:10, 11, 21; 13:20; 23:1-4; 25:34-37; 50:6, 7). Mas, em meio à situação prevalecente, o Senhor reavivou, através do profeta, a esperança de dias melhores: "Darvos-ei pastores segundo o Meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência" (Jr 3:15).

"Eu mesmo recolherei o restante das Minhas ovelhas, de todas as terras para onde as tiver afugentado, e as farei voltar aos seus apriscos; serão fecundas e se multiplicarão. Levantarei sobre elas pastores que as apascentem, e elas jamais temerão nem se espantarão; nenhuma delas faltará, diz o Senhor" (Jr 23:3, 4).

Devemos ser esses pastores, trabalhando na simplicidade de Deus, sob a espontaneidade e a inspiração do Espírito Santo, sem nos deixarmos reger pelas normas do individualismo nem da correria pela busca de grandeza pessoal. Então, veremos ressurgidos em nós os verdadeiros pastores-apascentadores, através dos quais Deus operará maravilhas nunca imaginadas.

É oportuno atentarmos para o conselho de Salomão: "Procura conhecer o estado das tuas ovelhas e cuida dos teus rebanhos, porque as riquezas não duram para sempre, nem a coroa, de geração em geração. Quando, removido o feno, aparecerem os renovos e se recolherem as ervas dos montes, então, os cordeiros te darão as vestes, os bodes, o preço do campo, e as cabras, leite em abundância para teu alimento, para alimento da tua casa e para sustento das tuas servas" (Pv 27:23-27).

Em outras palavras, bens e vantagens materiais, poder e fama não durarão para sempre. Tudo isso é fútil e efêmero. O que realmente tem valor no ministério pastoral é ver brotar a semente do evangelho no coração das pessoas e colhê-las para o reino de Deus, à salvação eterna. Nenhuma outra tarefa pastoral é tão nobre como a de conhecer o estado das ovelhas, acompanhar seus passos, consolá-las, amá-las ternamente e conduzi-las a Deus.

A mesma missão

Do ponto de vista de Deus, a missão do pastor continua sendo a mesma de sempre. Ele espera que cada pastor seja consciente dessa missão, a exemplo de Isaías: "O Senhor me deu língua de eruditos, para que eu

saiba dizer boa palavra ao cansado. Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que eu ouça como os eruditos. O Senhor Deus me abriu os ouvidos, e eu não fui rebelde, não me retrai" (Is 50:4, 5).

"O verdadeiro pastor terá interesse em tudo quanto diz respeito ao bem-estar do rebanho, alimentando-o, guiando-o e defendendo-o. Ele há de conduzir-se com grande prudência, e manifestará terna consideração por todos, especialmente pelos tentados, aflitos e desanimados" (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 190).

"Muitos obreiros fracassam em sua obra, porque não se põem em contato íntimo com aqueles que mais necessitam de seu auxílio. Com a Bíblia na mão, deveriam buscar, da maneira mais delicada, conhecer as objeções que há na mente dos que estão começando a indagar: 'Que é a verdade?' (Jo 8:38). Cuidadosa e gentilmente ele os deveria conduzir e educar, como discípulos numa escola. Muitos têm de desaprender teorias que, durante muito tempo, acreditaram ser a verdade" (Ibidem).

"Hoje os ministros de Cristo deveriam ter o mesmo testemunho que a igreja de Corinto deu dos trabalhos de Paulo. Mas conquanto neste tempo haja muitos pregadores, há grande escassez de pastores santos e capazes – homens cheios do amor que havia no coração de Cristo. O orgulho, a confiança própria, o amor do mundo, o criticismo, o rancor, a inveja são os frutos apresentados por muitos que professam a religião de Cristo. Sua vida, em evidente contraste com a vida do Salvador, não raro dá mau testemunho do caráter da obra ministerial sob a qual se converteram" (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 328).

É urgente que retornemos às origens, às veredas antigas. Cumpre-nos fazer uma entrega total, absoluta, sem reservas, ao comando de Deus, para que experimentemos "qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus" (Rm 12:2), e a cumpramos fielmente em nosso viver e ministério. ▀



Professora associada emérita
no Seminário Teológico da
Universidade Andrews

Desafios da conservação

Quarenta e um pastores opinam sobre o trabalho de manter novos convertos na igreja

Na primeira parte deste artigo, publicada na edição julho-agosto desta revista, focalizamos os desafios e necessidades dos novos membros, conforme foram relatados por um grupo de pastores, durante a realização de uma pesquisa. Nesta segunda parte, trataremos com algumas estratégias específicas para a assimilação de novos membros na igreja.

Quando uma pessoa é batizada, ela muda seu relacionamento para com a igreja. Para administrar a crítica transição da condição de não membro para membro, os pastores pesquisados apresentaram três modelos de iniciativas: ligar o novo membro a um guardião espiritual, envolvê-lo em um ministério e capacitá-lo. Alguns costumam empregar essas iniciativas juntas.

Embora a terminologia possa variar de guardião espiritual para mentor, treinador espiritual, grande irmão, líder de pequeno grupo,

ancião, diácono ou diaconisa, o propósito permanece basicamente o mesmo: assegurar que pelo menos um membro experiente assuma a responsabilidade de nutrir e ensinar o novo crente. Um dos pastores oficializa a designação do guardião espiritual, publicamente, durante um culto, entregando aos dois (mentor e mentorado) um certificado contendo as responsabilidades de cada um.

Envolver o mais breve possível novos membros no ministério é o alvo de muitos pastores. “Mesmo antes do batismo, os alistamos em algum ministério da igreja”, diz um deles.

Alguns pastores têm estabelecido um processo para a inclusão de pessoas como membros da igreja em uma nova experiência com Jesus. Uma igreja dedica uma hora e meia, no primeiro sábado do trimestre, para explicar os dons espirituais e então utiliza um recurso *online*, para ajudar cada pessoa a identificar seu dom e se envolver no ministério.

Tão logo a campanha evangelística termina, algumas igrejas costumam realizar uma série de seminários sobre algum tema. Os pastores pesquisados já usavam a série “Eventos finais”, de Mark Finley, seminários sobre saúde, estudos bíblicos e outros instrumentos. Um deles criou um estudo sobre história da igreja e a terminologia denominacional. Porém, outro pastor enfatizou o discipulado básico.

Solidificando relacionamentos

A construção de relacionamentos tem continuidade enquanto os novos membros são levados à igreja. Explicando a importância desses relacionamentos, disse um pastor: “As pessoas entram para a igreja, primariamente, no nível doutrinário; então, atingem o nível social. É preciso suplementar doutrinas com vida social.” E a lista de possibilidades é longa. Realizar treinamentos ou liderar um pequeno grupo são duas

formas utilizadas pelos pastores, a fim de desenvolver relacionamentos com novos membros.

“Meu momento de maior sucesso é quando me reúno sexta-feira à noite com os novos membros. É aí que nos ligamos uns aos outros. Eles permanecem comigo por dois anos, e nos casos em que tenho sido consistente com esse relacionamento, os membros permanecem na igreja”, disse um pastor.

Para outro, a tarefa começa antes do batismo e requer ajuda de outras pessoas. Ele investe tempo com as pessoas durante a campanha evangelística e descobre os interesses delas. Então, aproxima o novo crente de um membro antigo que cultive os mesmos interesses. Comentando sobre a necessidade de manter os antigos membros motivados para permanecer em contato com os novos, outro pastor afirmou: “A tarefa operativa é amizade. As pessoas não querem se livrar dos amigos.”

Existem grandes diferenças entre congregações, no que tange ao modo de utilizar o sábado para confraternização. Nos lugares em que isso é praticado, esse encontro semanal também ajuda os novos crentes em seu crescimento na observância do sábado. “Fazemos isso em todas as nossas igrejas”, disse um pastor. “Assim, aqueles que não têm familiares adventistas têm um lugar para ir, depois do culto.” Em algumas congregações, as instalações do templo são utilizadas com esse propósito, durante todo o sábado; em outras, não há confraternização sabática.

Pequenos grupos

Para quem conhece a literatura sobre o ministério de pequenos grupos, a resposta para construção de relacionamentos e qualquer outro tema sobre discipulado é o pequeno grupo. Entretanto, os pastores que participaram da pesquisa explicaram suas lutas para entusiasmar os membros a se envolverem nesse modelo. “Esta é uma questão cultural”, um deles afirmou. “Há qualquer coisa

no adventismo em minha cidade que não se abre ao pequeno grupo.”

Por outro lado, alguns pastores têm sucesso com os pequenos grupos. Numa das igrejas, cada novo crente é colocado em um deles, tendo um ancião como líder. Um dos pastores envolvidos na pesquisa, por exemplo, deu seu testemunho pessoal de que, durante algum tempo, esteve afastado da igreja, tendo retornado por meio de um pequeno grupo. De acordo com ele, os membros daquele grupo ajudaram a despertar nele o senso vocacional que o levou a se tornar pastor.

Instrução de novos membros

Uma classe para recém-batizados é, provavelmente, uma das mais agradáveis ocasiões para ensinar. As pessoas estão realmente famintas por Jesus. Elas fazem as reais perguntas da vida. O modelo de classe varia muito entre as igrejas, sendo que o tipo mais comum parece ser a classe da Escola Sabatina, dirigida pelo pastor. Uma razão para isso é a oportunidade para desenvolver no novo converso o hábito de ir à Escola Sabatina.

Um pastor, cuja igreja realiza um almoço de confraternização todos os sábados, testemunhou: “Descobri que os novos irmãos desejam ser parte da família geral da Escola Sabatina. Assim, faço duas coisas: a ‘hora do poder’, que é um encontro de oração para eles. E, aos sábados à tarde, temos a ‘hora do pastor’, um encontro em que respondo perguntas que eles me fazem sobre doutrinas e a igreja.” Essas classes também podem ser feitas na sexta-feira à noite, e podem ser abertas aos membros antigos.

Depois de ter batizado um grupo de vinte pessoas, um dos pastores estabeleceu uma classe de instruções pós-batismais que funcionou durante dez meses. Ele teve o cuidado de explicar aos recém-batizados que aquele processo era parte da formação deles como membros da igreja.

Diante da necessidade real de ensinar os novos crentes a estudar

as Escrituras, a Bíblia é o primeiro recurso que os pastores utilizam nas classes. Encaminhar os novos membros à Bíblia é, sem dúvida, a melhor estratégia de ensino. Nela, eles encontrarão respostas para as grandes questões da vida. Uma boa ideia é utilizar versões modernas com texto mais leve e compreensível. Preferencialmente, uma versão assim também deve ser utilizada pelo pastor durante a pregação.

Outro livro valioso para os novos crentes é *Caminho a Cristo*, de Ellen G. White. Muitos deles já o têm lido antes mesmo do batismo.

O coração da missão

Nos quatro grupos de pesquisa, exploramos profundamente a assimilação e o discipulado de novos membros. Enquanto eu os ouvia, atenta a cada detalhe em suas palavras, concluí que há três questões básicas que necessitam ser tratadas, antes que nossas congregações estejam plenamente preparadas para receber e discipular novos conversos: Primeira, os membros antigos necessitam ser discipulados para Jesus. Segunda, há necessidade de materiais para discipulado de novos e antigos membros. Finalmente, os pastores necessitam de mais clara compreensão do processo do discipulado.

Devemos nos lembrar de que nem tudo o que é chamado de “discipulado” o é realmente. Não raro, criamos cursos ou programas para equipar e treinar a irmandade para o evangelismo e chamamos isso de discipulado. Quando o foco apenas é ensinar o povo “como testemunhar”, estamos fazendo algo necessário; mas, não se trata de um discipulado completo. Discipulado também deve incluir o processo de ajudar o crente se tornar semelhante a Cristo.

O discipulado não pode ser limitado ou ensinado apenas através de sermões e seminários. Tudo em uma congregação deve ser abordado sob a orientação do Espírito Santo, com o objetivo de discipular, porque fazer discípulos é o coração da missão da igreja. ▀



Pastor em Apopka, Flórida, Estados Unidos

A voz do pregador

Sugestões práticas que ajudam a preservar um dos mais valiosos dons do pastor

Decidi me matricular em um curso de canto. Mas, não pense que estou planejando deixar de pregar para me tornar cantor. Na verdade, quero aprender a cuidar da minha voz, para maximizar e preservar meu impacto como pregador nos anos vindouros. Durante o tempo que passamos no seminário, a maioria

de nós recebeu pouca ou nenhuma instrução sobre cuidados com a voz. Muitos professores de homilética pressupunham que já sabíamos cuidar da voz. Estavam enganados. Por isso, tenho dialogado com alguns profissionais do assunto, em busca de sugestões práticas para melhorar a voz dos pregadores.

A voz é um milagre operado por um gênio criativo. As cordas vocais são muito pequenas, algo entre 18 a 23 milímetros; porém, são um inestimável instrumento alojado na laringe. Elas vibram centenas de vezes por segundo, enquanto você fala, e serão prejudicadas pelo mau uso ou abuso contínuo. Em alguns casos, o dano é permanente.

Se você deseja proteger e preservar as cordas vocais e conservar a voz funcionando bem, aqui estão oito sugestões práticas.

Aquecimento

Os atletas têm uma rotina de aquecimento, antes de vigoroso exercício. Isso reduz o risco de lesões musculares e melhora o desempenho. As cordas vocais são músculos e necessitam ser aquecidas antes de



ser usadas a fim de realizar o máximo potencial e evitar lesões.

Um exercício simples de aquecimento para oradores envolve a produção de zumbidos em escala descendente. Os lábios devem ser tocados, com os dentes levemente separados. Procure sentir o murmúrio durante a prática. Você também pode vocalizar várias sílabas em escala descendente. Tente produzir zumbido com estes sons: *vi, vi, vi, vi, vi, vi; va, va, va, va, va, vo, vo, vo, vo, vo*; ou *bede, bede, bede, bede, bede*; ou *ze, za, zo, zu*. Inicie no tom natural de sua voz e vá ao tom mais baixo. Então, comece em tom mais alto e desça até o tom normal. Você também pode fazer trinados com os lábios (com o som *brbrbrbr*, vibrando os lábios natural e facilmente). São valiosos os poucos minutos gastos em aquecimento vocal.

Gale Jones Murphy, renomado cantor cristão e orador motivacional, oferece esta sugestão para uma rotina de aquecimento vocal: Antes de começar o dia de pregações, uma das melhores ocasiões para aquecer a voz é enquanto se toma banho. Vapor e umidade são ótimos para as cordas vocais. Cante alguns dos seus hinos favoritos, não esquecendo de relaxar o maxilar. Essa rotina também pode se tornar um tempo para reflexão espiritual, enquanto você associa os cânticos com a mensagem que vai pregar.

Respiração adequada

A vibração das cordas vocais requer consistente e contínuo fluxo de ar, o que confirma a razão pela qual as técnicas respiratórias são essenciais para o máximo desempenho vocal. Fique atento para o gerenciamento apropriado da respiração, porque muita pressão esgota as cordas vocais. Entretanto, pouca pressão exerce o mesmo efeito. Aqui estão alguns exercícios para ajudá-lo a desenvolver efetivo apoio à respiração:

◆ Inspire profundamente, deixando a caixa torácica expandir-se e o diafragma encolher, sem levantar os ombros. Então, expire suavemente, com som de assovio, utilizando le-

vemente os músculos abdominais, para que haja consistente fluxo de ar através das cordas vocais.

Inspire profundamente, então vocalize sussurrando baixinho: “chu, chu, chu”, utilizando os músculos abdominais para prender e soltar cada palavra. Aprender a associar o uso da voz com boas técnicas de respiração também ajuda a minimizar tensões e cansaço na parte superior do corpo e pescoço.

◆ Deite-se no chão com um grande livro sobre o abdômen. O livro deve subir e descer, enquanto você inspira e expira. Pode ser feito também deitado sobre a cama.

◆ Explore os extremos entre maior e menor pressão do ar. Expire assoviando (maior pressão do ar). Em seguida, expire sem assovio (menor pressão do ar). Pratique recitação de sermões, cuidando para não imprimir tensão à garganta.

◆ Faça caminhadas rápidas, ciclismo e outros exercícios aeróbicos que exigem respiração profunda. Sinta o diafragma se movimentar, não o peito. Comece devagar, e aumente gradativamente a velocidade. A respiração profunda ajuda a diminuir o diafragma, o que produz melhor e mais agradável tonalidade da voz.

Boa postura

Para conseguir mais eficiente produção da voz, a boa postura é essencial. Quando o alinhamento físico é deficiente, o pregador não apenas se coloca deselegantemente diante da congregação, mas dificulta as técnicas apropriadas de respiração. Já observou pregadores inclinados sobre o púlpito? Esse é um exemplo de má postura. Boa postura não significa que o pregador deve se comportar como uma estátua. Quando você mantém alinhamento corporal apropriado, pode conservar bom equilíbrio, movimentar-se livremente e adquirir apoio para eficiente respiração.

Hidratação

A maioria de nós sabe que nosso corpo é composto de aproximadamente 70% de água. A perda de líqui-

do necessita ser reposta diariamente, e a melhor maneira de fazer isso é bebendo água pura. Outros fluidos como sucos, por exemplo, não são bons substitutos para a água, porque o corpo os trata diferentemente, como sendo alimentos.

A hidratação adequada com água pura é particularmente importante para a lubrificação das cordas vocais. Esteja certo de que você está bem hidratado antes de falar e, se for necessário, beba água durante os intervalos. Prefira água em temperatura natural. A água gelada comprime as cordas vocais e, portanto, pode causar prejuízo.

Enquanto falava, certo pregador começou a sentir dor na garganta e pediu ajuda aos assistentes, tentando resolver o problema. Alguém notou que ele costumava beber goles de água durante o sermão. Ao contrário da hidratação adequada, que devia ser feita antes de o pregador começar a falar, tudo o que esse hábito de bebericar água estava fazendo era, simplesmente, lavar a lubrificação natural das cordas vocais, tornando-as doloridas. Quando o pregador passou a se hidratar adequadamente, antes da apresentação das mensagens, o problema foi solucionado.

Repouso

É possível que, depois de um sermão, você tenha ouvido alguém dizer: “Você pareceu cansado”. Quando uma pessoa está cansada, uma das primeiras coisas a ser afetada é a voz. Então, o repouso adequado é essencial para melhor desempenho da voz. A soprano Reyna Cargill costuma ficar em repouso total dois dias antes de suas grandes apresentações. Os pregadores necessitam dar ao corpo alguma reserva de repouso. Conheça o ditado: “Silêncio é ouro”? Isso é verdade não apenas em ocasiões de conflito, mas também quando se deseja cuidar melhor da voz. O repouso vocal é altamente benéfico. Permanença em silêncio durante o máximo de tempo que lhe for possível. Alguns pregadores alimentam a ideia errada

de que o hábito de cochichar descan- sa as cordas vocais, mas nada está mais longe da verdade do que isso. Cochichar é muito mais estressante para as cordas vocais do que falar em voz alta. Portanto, permaneça em silêncio, antes de pregar.

Nutrição

Todo o corpo trabalha em apoio à voz; de modo que você deve nutri-lo com uma dieta saudável. Tudo o que comemos e bebemos mantém ou altera o equilíbrio nutricional. Para manter o equilíbrio químico do corpo, necessitamos de nutrientes apropriados, ou seja, frutas, vegetais, grãos, cereais e legumes. Certos alimentos podem danificar a voz. Entre eles, comidas condimentadas e frituras, que tendem a causar refluxo prejudicial às cordas vocais. Esteja atento aos alimentos que lhe causam alergia, pois eles podem afetar o desempenho da voz. Produtos que contêm cafeína também devem ser descartados. A cafeína produz secura da garganta, prejudicando, desse modo, o ciclo de repouso. Lembre-se também de que comer em excesso prejudica a respiração e reduz a energia.

Boa forma física

Exercício físico é essencial para o ótimo desempenho da voz, pois o exercício manterá o tônus corporal e melhorará a capacidade cardíaca. Muitos músculos são empregados quando se fala, e um sistema muscular bem vigoroso ajudará a maximizar o impacto do pregador como comunicador da verdade. Julie Penner, professora de fonoaudiologia na Universidade Adventista do Sudeste, em Collegedale, Tennessee, Estados Unidos, incentiva seus alunos a fazer exercícios físicos, especialmente abdominais, a fim de melhorar a qualidade da voz. Além desse tipo de exercício, há também os que ajudam a manter e controlar a respiração profunda. Todos eles resultam em liberdade e apoio, ajudando o pregador ou cantor a se tornar mais elástico na utilização da voz.

Treinamento

Todo pregador deveria buscar os benefícios das orientações fornecidas por um fonoaudiólogo, ou de frequentar aulas de canto. Evan Chesney, doutor em música e diretor de música da igreja de Forest Lake, em Apopka, Flórida, dá o seguinte testemunho: “Minha primeira experiência como professor aconteceu na Universidade Adventista do Sudeste. Depois da primeira semana de atividades, senti que minha voz estava muito desfigurada. Isso me deixou muito frustrado, porque, como músico, eu sempre tive bom desempenho de voz. Porém, depois de examinar o assunto, ficou claro que, atuando como professor, era necessário que aprendesse a falar utilizando as mesmas técnicas vocais que eu empregava como cantor. Somente depois de aplicar durante as aulas, aquelas mesmas técnicas que eu costumava utilizar enquanto cantava – postura apropriada, respiração abdominal, colocação e projeção vo-

cal adequada – foi possível liberar o estresse das cordas vocais e não tive mais problemas.”

Um fonoaudiólogo pode ajudar a evitar cansaço vocal bem como providenciar estratégias de proteção para esse precioso instrumento do pregador. A propósito disso, os pregadores precisam aprender como usar corretamente o microfone. Não se preocupe em ajustar sua voz na tentativa de encontrar o volume certo e a tonalidade certa. Esse trabalho pertence ao sonoplasta. Ele sabe que vozes femininas requerem mais agudos, e vozes masculinas exigem tons mais graves.

Não é fácil abandonar velhos hábitos, mas, com disciplina e prática, é possível mudá-los. Se você está experimentando algum tipo de desordem vocal, um especialista pode descobrir a causa e sugerir o tratamento correto. Lembre-se de que a voz do pregador é um dom precioso. Não abuse nem faça uso incorreto dela. Preserve sua voz. Determine-se a usá-la para a glória de Deus. ▀

“Em suas atividades religiosas, muitos cometem um erro ao orar e pregar extensamente, elevando a voz, em esforço e tom antinaturais. O pastor tem ficado cansado inutilmente e tem na realidade incomodado o público com atividades religiosas pesadas e fatigantes, que são totalmente desnecessárias. Os pastores devem falar de maneira a alcançar e impressionar o povo. Os ensinamentos de Cristo eram impressionantes e solenes; Sua voz, melodiosa. E não deveríamos nós, assim como Cristo, estudar como ter melodia em nossa voz?” (Testemunhos Para a Igreja, v. 2, p. 617).

“Alguns de nossos mais talentosos pastores estão causando grande dano a si mesmos por sua maneira defeituosa de falar... Os pastores devem manter-se eretos, falar devagar, com firmeza e distintamente, inspirando profundamente o ar a cada sentença, e emitindo as palavras com o auxílio dos músculos abdominais. Se observarem esta regra simples, atendendo às leis da saúde em outros sentidos, poderão conservar a vida e a utilidade por muito mais tempo que o podem fazer os homens em qualquer outra profissão. O peito se tornará mais amplo, e... o orador raramente fica rouco, mesmo falando continuamente” (Obreiros Evangélicos, p. 90).

“A voz é um grande poder, contudo muitos não têm treinado para usá-la em sua mais alta capacidade. Jesus é nosso exemplo. Sua voz era musical e jamais a elevava forçando em altas notas quando falava ao povo. Ele não falava tão rapidamente misturando as palavras, de modo que dificultasse a compreensão. O Mestre enunciava distintamente cada palavra, e aqueles que ouviam Sua voz podiam testemunhar: ‘Nunca alguém falou como este homem’” (Review and Herald, 05/03/1895).



ESPECIAL

Movimento de plantio

A igreja precisa ser revitalizada por um sistema de multiplicação de discípulos, líderes, ministérios, pequenos grupos e congregações

No filme “A corrente do bem”, cujo título em inglês é *Pay it forward* (Passe adiante), um professor de Estudos Sociais desafia os alunos a criar algo que possa mudar o mundo. Incentivado pelo desafio, um dos alunos cria um novo jogo chamado “a corrente do bem” no qual, para cada favor que alguém recebe deve retribuir a outras três pessoas. Surpreendentemente, a ideia funciona, ativando um movimento multiplicador de mudanças que leva diversas pessoas a encontrar novo sentido na vida.

Desde o dia em que Deus disse a Adão e Eva: “Sede fecundos, multi-

plicai-vos, enchei a Terra” (Gn 1:28), a multiplicação tem sido o segredo para o crescimento da humanidade, até chegar à proporção de explosão populacional. Todo ser vivo e saudável devia se multiplicar: animais, plantas e pessoas. Esse princípio também tem sido o segredo para o crescimento de uma “corrente do bem”, através da expansão do reino de Deus. O melhor exemplo disso é o ministério de Jesus. Em primeiro lugar, Ele investiu muito na preparação dos doze discípulos que, por sua vez, receberam a missão de fazer discípulos de mais pessoas, que fariam novos discípulos (Mt 28:19, 20).

IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

Fundamento bíblico

A grande comissão nada mais é do que um chamado à multiplicação contínua.¹ A igreja devia ir a muitas nações ou grupos de pessoas a fim de “passar adiante” a fé (At 1:8). E a melhor maneira de fazê-lo era plantando igrejas nativas, onde pessoas pudessem ser instruídas, batizadas e continuamente discipuladas na Palavra de Deus.

Começando com a dispersão dos cristãos em Jerusalém (At 1:8), o Novo Testamento apresenta vários relatos desses cristãos indo a todos os lugares para multiplicar igrejas (At 9:31). E a Bíblia é muito clara ao dizer que, naqueles dias, a igreja apostólica se reunia e se multiplicava nos lares (Cl 4:15; Rm 16:5; Fm 2). Não por acaso, Lucas usa a expressão “assolava a igreja, entrando nas casas” para descrever o ambiente em que Saulo realizava sua perseguição (At 8:3). Da mesma forma, no registro de suas três viagens missionárias, Paulo multiplicava discípulos e igrejas por onde quer que fosse (At 14:21-23). Ele também era consciente da prioridade de investir tempo para multiplicar líderes que, por sua vez, deviam fazer outros líderes (2Tm 2:2).

A estratégia de priorizar a multiplicação de líderes e igrejas, em vez de apenas fazer conversos, revolucionou a cidade de Éfeso, de tal maneira que “todos os habitantes da Ásia ouviram a Palavra” (At 19:10). Como Christian Schwarz indicou em sua pesquisa sobre o desenvolvimento natural da igreja, as igrejas precisam ter compreensão mais ampla do crescimento do reino de Deus. Para isso, ele sugere seis princípios de desenvolvimento natural, dos quais a multiplicação é um deles:

“Assim como o verdadeiro fruto da macieira não é uma maçã e sim uma nova macieira, o verdadeiro fruto de um pequeno grupo não é mais um cristão, mas, sim, mais um pequeno grupo; o verdadeiro fruto de uma igreja não são novos grupos, mas novas igrejas; o verdadeiro fruto de um líder não são seguidores, mas

novos líderes; o verdadeiro fruto de um evangelista não são convertidos, mas, sim, mais evangelistas. Sempre que esse princípio é compreendido, os resultados são imensos.”²

Exemplo dos pioneiros

Alguém observou que “nós não precisamos de um ovo de ouro; precisamos de um ganso que põe ovos de ouro”.³ Esse princípio da multiplicação é exemplificado na experiência de George Whitefield e John Wesley, proporcionando evidente contraste entre a eficácia da liderança apostólica, que inicia métodos multiplicadores e a daquelas que não o fazem. Esses dois homens foram usados por Deus para produzir um reavivamento que envolveu dois continentes no século 19. Ambos eram intelectual e espiritualmente capacitados e sensíveis às diferenças culturais.

No entanto, quando comparamos os frutos dos dois ministérios no fim da vida, percebemos uma diferença radical. Whitefield, considerado o príncipe dos pregadores, pregou a milhares de pessoas. Mas, seu impacto sobre o crescimento de igreja foi insignificante, porque ele não se preocupou em fazer discípulos e multiplicar líderes e grupos. John Wesley foi usado por Deus para converter milhares de novos membros. Mas, não havia líderes suficientes para supervisionar esse crescimento. Assim, acatando a sugestão da mãe, Wesley desenvolveu um sistema multiplicador para ajudar os novos membros a se desenvolver a fim de ocuparem posições de liderança no movimento, enquanto eles mesmos estavam fazendo e multiplicando discípulos e novas igrejas.⁴

Muitos dos pioneiros adventistas do sétimo dia haviam sido metodistas, entre eles Ellen G. White. Ela entendia claramente que a Igreja Adventista devia ser um movimento multiplicador de novos discípulos e novas igrejas; uma organização em missão, não uma organização para cuidar apenas das congregações existentes. “Tenho sido instruída no sen-

tido de que não devemos ter grande ansiedade por agrupar demasiados interesses na mesma localidade, mas procurar pontos em outros distritos mais isolados, e trabalhar em novos lugares. ... As sementes da verdade precisam ser semeadas em centros que não foram trabalhados. ... A obra em novas localidades desenvolve um caráter missionário. O egoísmo de manter grandes grupos reunidos não é o plano do Senhor. Entrem em cada novo lugar que lhes seja possível e comecem a obra de instruir nas vizinhanças os que ainda não ouviram a verdade.”⁵

Ellen White também se preocupou em multiplicar líderes plantadores de igrejas. Em vez de usar as mesmas pessoas para abrir igreja após igreja, ela sentia que as novas igrejas deviam prover liderança para continuar o processo: “Ao se estabelecerem igrejas, deve ser apresentado a elas o fato de que é mesmo entre elas que hão de sair os homens que devem levar a verdade a outros e levantar novas igrejas; pelo que todos devem trabalhar, cultivar o máximo possível os talentos que Deus lhes deu e exercitar a mente para se empenhar no serviço de seu Senhor.”⁶

Objeções

Atualmente, há líderes que desejam o crescimento saudável de suas igrejas, mas não consideram a multiplicação de líderes, de pequenos grupos e de igrejas. Embora os críticos não declarem suas objeções de maneira direta e clara, algumas podem ser identificadas:⁷

Mentalidade do “quanto maior melhor”. Para muitos, a ideia de estabelecer uma grande igreja é mais atrativa do que multiplicar comunidades. Eles pensam que a melhor estratégia denominacional devia ser a de ajudar as igrejas pequenas a se tornarem igrejas grandes. Porém, as estatísticas não apoiam a suposição de que o tamanho da igreja seja a melhor maneira de alcançar pessoas. Ao contrário, igrejas novas e menores

são mais eficientes para a evangelização do que igrejas antigas e grandes.⁸

Mentalidade da dependência pastoral. Tanto a mentalidade megalomaniaca quanto a tendência de depender do pastor buscam limitar, ao máximo, o número de igrejas em determinada área. Qualquer proposta de abrir uma nova igreja encontra resistência porque, para os membros, o ideal é copiar o modelo das igrejas modernas que possuem um pastor dedicado a suprir suas necessidades. Porém, para Ellen G. White, dependência pastoral evidencia que essas igrejas não foram disciplinadas e necessitam de conversão.⁹

Mentalidade da revitalização dos agonizantes. Esta é a suposição idealística de alguns líderes que defendem a ideia de que a denominação devia se concentrar em resgatar igrejas que estão morrendo, antes de tentar abrir novas igrejas. Por que deveríamos abrir uma nova quando há muitas vazias? É triste observar que muitas igrejas foram abertas de maneira errada e no local errado. Outras são vítimas de uma liderança rígida e uma herança tradicional. Porém, salvar igrejas que estão morrendo é muito mais difícil e custoso do que abrir uma nova. Uma estratégia ideal devia envolver esforços para revitalizar igrejas decadentes enquanto, simultaneamente, se plantam novas igrejas. Plantar igrejas é um fator catalisador para renovação de igrejas existentes.¹⁰

Mito do “já alcançado”. Essa mentalidade desencoraja o plantio de novas igrejas em alguns Campos que possuem pelo menos uma congregação em cada cidade. Estatisticamente, eles se vangloriam de que seu território já esteja evangelizado. Porém, o fato é que milhões de pessoas, em diferentes grupos sociais e culturais, estão espalhadas por sua geografia sem que nenhum esforço sério seja feito para alcançá-las.¹¹

Mesmo que algumas pessoas se oponham à ideia de multiplicar pequenos grupos e plantar igrejas, precisamos fazê-lo porque é bíblico.

E, embora haja certa resistência da parte de alguns, nas regiões em que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem priorizado a multiplicação de igrejas têm-se experimentado vigoroso crescimento. Mesmo igrejas evangélicas pentecostais estão experimentando o valor dessa prática.

“A igreja precisa ser revitalizada com o estabelecimento de um sistema de multiplicação”

Estratégia de multiplicação

Uma estratégia para multiplicar igrejas deve incluir pelo menos seis ingredientes que respondem a seis questões básicas. Primeiro, que área você está tentando alcançar? A resposta consiste em selecionar o melhor local disponível para plantar uma nova igreja. Segundo, que pessoas você deseja alcançar? A resposta envolve a descoberta do perfil do público-alvo. Terceiro, quem tomará parte no projeto? A resposta deve considerar a seleção e o treinamento de uma equipe de evangelistas pioneiros. Quarto, como você vai preparar a comunidade para receber a Palavra? A melhor resposta é prover uma abordagem integral de cultivo baseado no método de Cristo. Quinto, qual será o método de colheita a ser usado? Qual será o processo de discipulado para os novos membros? Finalmente, onde a nova igreja se reunirá?

Exploreemos um pouco mais essas perguntas.

Escolha da área. No processo da escolha de um bom lugar para iniciar uma nova igreja, ou escolher, entre várias comunidades, qual deveria ser alcançada primeiro, as seguintes perguntas são básicas: A população é suficientemente grande para suportar uma igreja? A área em consideração está crescendo? Em que direção a cidade está se expandindo? Como a população está distribuída, agora, e

qual é a projeção para os próximos 20 anos? Existem terrenos disponíveis bem localizados e a preços razoáveis? Existem auditórios, salões ou escolas, para atender a uma necessidade imediata? Há um núcleo amadurecido de crentes morando na região? Estão eles desejosos de iniciar uma nova igreja? Existem pessoas interessadas no evangelho? Acaso, existe uma “igreja-mãe”, a uma distância máxima de cinco quilômetros, disposta a apoiar o projeto com orações e recursos?

Em minha experiência, tem sido mais difícil trabalhar em bairros habitados por uma população longamente estabelecida, que esteja afiliada a igrejas tradicionais. Por outro lado, bairros de renda muito baixa raramente terão potencial financeiro para tornar a igreja autossustentável. Deve-se também evitar áreas industriais, redondezas de estádios e, em alguns casos, cemitérios. Geralmente, nelas existe pouco tráfego e poucas residências para ser alcançadas.

Estudo demográfico. O segundo ingrediente é definir o grupo populacional a ser alcançado. Há muita informação estatística disponível no site do IBGE e em secretarias de prefeituras. Ao analisar esse material demográfico, há pelo menos cinco coisas que o plantador deve saber. Primeiramente, descobrir a composição socioeconômica da comunidade, observando onde cada grupo reside. Qual é a faixa etária média da população e seu estado civil? Existem mais solteiros, casados ou aposentados? Em segundo lugar, observar a tendência migratória da comunidade. Quem está saindo e quem está chegando? Em terceiro lugar, conhecer as igrejas presentes na área em consideração. Quais são as denominações existentes? Qual é a média de frequência nessas igrejas e a composição social dos membros? Em quarto lugar, que tipo de problemas as pessoas enfrentam e, finalmente, quais são as necessidades delas?¹²

Desenvolvimento do núcleo. Uma possível fonte de pessoas que

se tornarão o núcleo da nova congregação é a “igreja-mãe”. O pastor deverá apelar às famílias voluntárias, que moram na área selecionada, para se unirem a um pequeno grupo ali. Deve-se ter o cuidado de não tirar mais do que 15% de pessoas da “igreja-mãe”, que não deve ter menos que cem membros. Nesse núcleo, é importante ter várias pessoas da mesma classe social das pessoas que a igreja pretende alcançar, bem como interessados e ex-adventistas.

Definido o núcleo, o plantador deve trabalhar diligentemente para estabelecer um senso de comunidade entre os membros desse pequeno grupo, considerando-o microcosmo da nova igreja. Igrejas que planejam crescer precisam enfatizar tanto as reuniões evangelísticas quanto os pequenos grupos. Sem esses, as igrejas não serão saudáveis, porque terão dificuldade para assimilar novos membros bem como para capacitar novos líderes.

Cultivo do campo. Uma vez que o núcleo esteja se reunindo em pequenos grupos, é importante treinar líderes para realizar atividades de cultivo da área. Uma forma de fazer isso é aplicar o método de Cristo no contexto urbano. Sendo mais específico, a missão de Cristo pode ser resumida em fazer amigos, realizar atos de compaixão e partilhar as boas-novas.¹³ Uma apresentação integral dessa mensagem necessita de planos, programas ou ministérios que alcancem as pessoas da comunidade e atendam às suas necessidades físicas, emocionais e espirituais.

Por exemplo, pode-se realizar programas de orientação sobre estresse, recuperação dos traumas do divórcio, enriquecimento matrimonial, ministério aos solteiros, educação de filhos e cursos de capacitação profissional. É possível integrar materiais bíblicos de uma forma apropriada para lidar com pessoas sem religião. Outra maneira é demonstrar o caráter de Deus, buscando meios de ajudar pessoas carentes e sofredoras na cidade, através de projetos de com-

paixão. Essas atividades despertam a simpatia da comunidade, além de prover contatos significativos para as atividades evangelísticas. Além desses métodos, pode-se também usar abordagens tradicionais, como estudos bíblicos e literatura.

Evangelismo. É possível começar uma igreja sem uma campanha evangelística. De fato, é até mais fácil atrair membros de outras congregações adventistas do que ganhar novos discípulos da comunidade. Porém, se a equipe de plantadores da nova igreja não for intencional na prática do evangelismo, a nova igreja perderá seu foco e zelo evangelísticos. Para fazer o evangelismo, duas coisas são necessárias. A primeira é incluir uma *estratégia individual*. Os componentes do núcleo precisam assumir a responsabilidade pessoal de alcançar pessoas na comunidade. Algumas sugestões: elaborar uma lista com o nome de pessoas responsáveis e orar diariamente por elas; cultivar relacionamentos; atender as necessidades das pessoas; criar ou aguardar momentos oportunos para testemunhar.

A segunda coisa necessária para o evangelismo é a elaboração de uma *estratégia corporativa*, no primeiro ano. O método tradicional de colheita na Igreja Adventista tem sido evangelismo público. A tragédia é que muitas igrejas usam esse método como sementeira, cultivo e colheita, em vez de usá-lo apenas como instrumento de colheita. Outras têm descartado o evangelismo público, para usar metodologias das igrejas evangélicas que, na maioria dos casos, não funcionam no contexto adventista. Evangelismo é um processo e a colheita é parte desse processo. Se esses ingredientes não forem incluídos, haverá pouco sucesso.

Providência do prédio. Uma das fases mais críticas do plantio de igrejas é a aquisição de um terreno e a construção da casa de culto. O erro mais comum é a tentativa de construir o templo antes mesmo do esforço para conquistar pessoas e

edificar a congregação numérica e espiritualmente.

Ellen White sugere o momento da construção: “Quando se desperta um interesse em alguma vila ou cidade, esse interesse deve ser atendido. O lugar deve ser inteiramente trabalhado, até que se erga humilde casa de culto como sinal, um monumento do sábado de Deus, uma luz em meio da treva moral.”¹⁴ Para ela, “ao iniciarmos a obra em um campo, e reunirmos um grupo, consagramos os membros a Deus e então os atraímos a se unirem conosco em construir uma humilde casa de culto. Depois, quando a igreja estiver terminada e for consagrada ao Senhor, passamos adiante, a outros campos”.¹⁵

A igreja necessita ser revitalizada com o estabelecimento de um sistema de multiplicação de discípulos, líderes, ministérios, pequenos grupos e congregações. Em vez de buscar o crescimento por adição, temos que crescer de maneira exponencial. O estabelecimento de um sistema multiplicador começa com o processo de instruir membros e pastores. O plano de Deus para Sua igreja é ativar uma “corrente do bem” que resulte na salvação de uma multidão que ninguém possa enumerar, “de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos” (Ap 7:9). ▀

Referências:

- ¹ Christian Schwarz, *Desenvolvimento Natural da Igreja*, p. 69.
- ² *Ibid.*, p. 68.
- ³ Russel Burrell, *Rekindling a Lost Passion*, p. 67.
- ⁴ Robert E. Logan, *Raising Leaders for the Harvest*, p. 34.
- ⁵ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 47.
- ⁶ _____, *Serviço Cristão*, p. 61.
- ⁷ Ed Stetzer, *Planting Missional Churches*, p. 7-13.
- ⁸ Emílio Dutra Abdala, *Guia de Plantio de Igrejas*, p. 34-36.
- ⁹ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 381.
- ¹⁰ Stuart Murray, *Church Planting: Laying Foundations* (Scottsdale, PA: Herald Press, 2001), p. 25.
- ¹¹ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 377.
- ¹² Aubrey Malphurs, *Planting Growing Churches*, p. 268.
- ¹³ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.
- ¹⁴ _____, *Evangelismo*, p. 375.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 381.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Sábados, festas e lua nova

Devem os cristãos, hoje, observar os festivais do Antigo Testamento? Que relação têm eles com o descanso do sétimo dia semanal?

Alguns cristãos, incluindo adventistas do sétimo dia, têm argumentado em favor da celebração dos festivais judaicos mencionados no Antigo Testamento. Mas existem prós e contras.

Valorizando as riquezas e bênçãos associadas àqueles festivais, mas estando atentos aos problemas implícitos na observância deles, os cristãos podem buscar maneiras apropriadas para se envolver com eles. Essa prática não apenas deveria ser conduzida com lucidez teológica, mas também com prudência, equilibrada sabedoria, humildade e boa vontade para aprender. Alguns itens práticos podem ajudar os cristãos a compreender a implicação dos festivais levíticos em sua vida e experiência de adoração. Vejamos.

Poderia ou deveria

Primeiramente, é importante compreender o caráter não normativo dos festivais. O Novo Testamento oferece um bom exemplo de como os cristãos devem se relacionar com eles. Muitos textos mostram a fun-

ção tipológica dos sacrifícios e advertem contra a ideia de que eles ainda são normativos e necessários para nossa salvação. Por outro lado, em nenhuma parte do Novo Testamento encontramos que não deveríamos observá-los. Jesus e Seus discípulos o fizeram; e, posteriormente, os primeiros cristãos seguiram a mesma prática. Mas, eles nunca sentiram necessidade de forçar os gentios a observar aquelas festas (At 15).

Sabidamente, eles chegaram à seguinte conclusão: “não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus, mas lhes escrever aconselhando-os a se abster das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas e da carne de animais sufocados com sangue. Porque Moisés tem, em cada cidade, desde tempos antigos, os que o pregam nas sinagogas, onde o pentateuco é lido todos os sábados” (At 15:19-21). O decreto apostólico se refere a três domínios da lei de Moisés: idolatria, ética e as leis dietéticas.

Essas prescrições estavam baseadas na leitura dos livros de Moisés, “todos os sábados”, sugerindo que

o respeito ao quarto mandamento também estava implícito no decreto. Nenhuma referência aos festivais é feita no texto. Essa atitude contém um princípio de tolerância, não somente em relação aos gentios, mas também, implicitamente, em relação aos judeus que desejavam se unir à igreja. Se os apóstolos consideraram impróprio impor aos gentios um novo estilo de vida que implicava a observância da lei da circuncisão e dos festivais, também devia ser impróprio impor aos judeus um novo estilo de vida que implicava o abandono dessas práticas.

A palavra *deveria* não devia ser usada para impor nem para defender os festivais. Segundo Ellen G. White, “bom seria que o povo de Deus da atualidade tivesse uma Festa dos Tabernáculos”. Essa declaração sugere que ela poderia ter sido favorável a explorar essa possibilidade também para outras festas. Pois a razão dada para justificar a prática – “uma jubilosa comemoração das bênçãos de Deus a eles” (*Patriarcas e Profetas*, p. 540) – também podia ser aplicada a outros festivais.

Isso mostra não apenas uma atitude de abertura da parte de Ellen White, mas também de tolerância, sabedoria, humildade e respeito a outro ponto de vista.

Comemoração

Se escolhermos comemorar a festa segundo o calendário anual, devemos fazê-lo compreendendo o que a festa significa, da perspectiva adventista do sétimo dia. É intencional a escolha das minhas palavras aqui – “comemorar” os festivais em lugar de “guardar” ou “observar”. A comemoração não deve ser imposta como obrigação doutrinária, litúrgica, religiosa nem administrativa para a igreja como um todo. Pode ser sugerida como livre oportunidade para lembrar o plano divino da salvação bem como de nossa identidade e missão proféticas. Poderia servir como oportunidade para ensinar, aprender e proclamar no lar, na igreja e no mundo, a grande dimensão do plano da redenção.

Os festivais são nada mais que um instrumento evangelístico e pedagógico, para ser usado justamente como fazemos ao utilizar o modelo do santuário para ensinar lições objetivas sobre nossa mensagem. Trata-se de uma prática descritiva e instrutiva, não prescritiva. Se desejamos comemorar o festival, deve ser conveniente fazer isso na estação própria, não porque queiramos ou necessitemos ser fiéis às normas agrícolas, rituais e legalistas, mas por ser um momento oportuno em que outras pessoas também pensam a respeito; como no Natal, na Páscoa ou Dia de Ação de Graças (embora essas festas tenham componentes pagãos).

Entretanto, o principal problema está na maneira pela qual os festivais poderiam ser comemorados fora da Bíblia, considerando a ausência de instruções reveladas nesse contexto e de uma tradição de observância conforme é vista no judaísmo. Para evitar problemas que possam comprometer todo o projeto, há dois princípios fundamentais que devem

governar e dirigir toda tentativa de comemoração dos festivais.

Respeito à originalidade do lugar de onde a inspiração das festas foi extraída, ou seja, das Escrituras e do testemunho de Israel. É necessário aprender sobre o genuíno caráter das festas e sobre as tradições judaicas associadas a elas. Evite enganos e interpretações confusas. Lembre-se de que as festas não são ocasiões para promoção de ideias e fantasias pessoais, *hobbies* que nada têm que ver com elas, tais como danças, aplicações carismáticas e espiritualistas, ou uso de vestuário exótico. Tais expressões podem ser entendidas como um jogo disfarçado e comportamento desrespeitoso.

Respeito ao novo lugar para onde a inspiração das festas tem sido importada, isto é, a igreja. Consulte líderes, para estar certo de que suas ideias dos festivais e as informações coletadas estão bem fundamentadas e consistentes com a teologia adventista. Esteja certo de que a experiência não será mal interpretada, não magoará outros membros e contribuirá para o bem da igreja. Permaneça humilde e não tente impor sua visão e prática aos membros da igreja que não partilham de sua perspectiva e sensibilidade espiritual. Seja prudente em relação aos seus sentimentos, emoções e convicções sobre esse tema. Não os confunda com a verdade divina ou o dom do Espírito.

Sim ou não?

Minha resposta à pergunta: “Devíamos nós observar os festivais?” é um claro e inequívoco “não!” Pelas seguintes razões:

Eles perderam sua qualidade normativa, considerando que foram cumpridos em Cristo e já não dependem da revelação bíblica. As leis das festas diferem de outras leis, como o sábado e leis dietéticas, que não estão relacionadas com sacrifícios, não dependem de tempo e são universais em caráter. É importante notar que Deus não nos deixou instruções sobre o modo pelo qual aqueles festivais deveriam ser observados

fora do templo. Então, como poderia Ele requerer a observância dessas leis? Seríamos, então, dependentes apenas das tradições humanas, fora da revelação bíblica.

A missão e identidade do movimento adventista do sétimo dia não são definidas como entidades litúrgicas. Em vez disso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia se identifica como mensageira profética com objetivo e missão universais, transcendendo a variedade de culturas e tradições e apontando a ordem escatológica.

Por outro lado, esse esclarecimento não deveria excluir as seguintes opções:

O valor pedagógico de explorar e comunicar as ricas verdades associadas aos festivais, ou seja, seu significado para o passado, presente e futuro. Apesar disso, toda a riqueza e beleza das festas não as transformam em leis normativas a ser seguidas. Elas permanecem exatamente como instrumento pedagógico.

A comemoração dos festivais pode ser usada para alcançar os judeus, assim como ocorre com o Natal, Páscoa e Dia de Ação de Graças, no interesse de alcançar outros grupos culturais religiosos ou seculares. Entretanto, mesmo nesse ponto, é preciso analisar bem a eficiência e até o aspecto ético desse método de contextualização evangelística.

Da mesma forma que os primeiros judeus cristãos, os adventistas judeus não deviam se sentir obrigados a deixar de desfrutar o prazer dos festivais; e ninguém deve desencorajá-los a fazer isso. As festas não somente pertencem à herança cultural deles, mas também lhes possibilitam meios para alcançar outros judeus. À luz das dimensões profética e teológica da mensagem adventista do sétimo dia, a experiência das festas pode se tornar para eles ainda mais significativa que no passado. Entretanto, deve haver clara compreensão de que as leis que ordenam a observância dessas festas e tradições não são revelações proféticas e já não são normativas. ▀



A igreja e a mídia

O que deve fazer uma instituição religiosa, quando sua imagem é arranhada diante da opinião pública

O mundo da geração de dados e informações em grande quantidade, incrível velocidade e enorme abrangência, faz com que toda instituição esteja constantemente sob todos os olhares. Um derramamento de óleo numa praia longínqua pode afetar a imagem de uma grande corporação do ramo, em poucos segundos. Uma palavra mal esclarecida de um líder religioso é capaz de afetar, em diferenciados graus de intensidade, uma denominação religiosa durante dias, semanas, meses ou anos. É o que tecnicamente se chama de crise de imagem ou reputação. Felizmente, há solução para o problema. Trata-se do gerenciamento, ou seja, a capacidade de administrar a mancha temporária de credibilidade imposta à instituição.

Vários profetas do Antigo Testamento enfrentaram crises contra a imagem do governo divino, causadas pela conduta do povo israelita. Por mais que Deus deixasse claros os princípios de Seu governo, sempre havia risco de má interpretação e dúvida entre outras nações, diante do comportamento do povo escolhido, o que tornava necessário o gerenciamento dos profetas. Exemplo disso é o episódio do bezerro de ouro. Enquanto Moisés recebia as tábuas da lei moral a ser apresentada à nação israelita, o povo sob a liderança de Arão construiu o bezerro e o promoveu à condição de objeto de culto. O capítulo 32 do livro do Êxodo realça a conseqüente crise de reputação no arraial. Uma reação se fez necessária: Moisés quebrou as tábuas, numa contundente demonstração do

desprazer de Deus. Guardadas as devidas proporções, tratava-se de uma estratégia de gerenciamento. Moisés identificou o motivo da crise e tomou providências.

Gerenciamento permanente

De acordo com dados do *Annual Institute for Crisis Management* (maio 2009), dos Estados Unidos, em sua maioria (64% em média) as crises corporativas podem ser chamadas de latentes, ou seja, ocorrem devido a um problema que começa pequeno e poderia ser resolvido antes de se tornar questão de domínio público. Em média, apenas 36% das crises corporativas acontecem repentinamente, o que mostra a relevância de se manter um plano permanente de gerenciamento.

Para entender como agir diante de uma crise de imagem sofrida pe-

la igreja, é fundamental entender o conceito. Um dos mais entendidos profissionais do assunto no Brasil, o jornalista Mário Rosa, afirma o seguinte: “Costumo dizer que pessoas e empresas não vendem serviços nem produtos. O que se vende todos os dias, no mundo inteiro, é confiança. E quando a confiança que os outros depositam em nós deixa de existir, há uma sentença de morte profissional ou empresarial” (*A Era do Escândalo*, Geração Editorial, 2008, p. 24).

No sentido de restaurar essa confiança, algumas noções importantes de gerenciamento de crise na mídia precisam ficar bem claras. Portanto, na eventualidade de ter que tratar do assunto, considere as seguintes sugestões:

Prevenir é melhor que remediar. Apesar de algumas crises serem imprevisíveis (acidentes, desastres naturais, inesperado desvio de conduta), deve-se criar uma comissão de gerenciamento. Normalmente, essa comissão é composta por integrantes da administração do Campo, equipes de comunicação, jurídica, financeira, além de outros que forem necessários. A comissão não evitará a crise, mas será acionada tão logo ela ocorrer, a fim de tomar providências.

Crise local, dano global. Com redes sociais, ampla divulgação e alcance da TV, rádio, jornais e revistas, mesmo que um episódio desagradável envolva a Igreja Adventista ou algum de seus líderes em uma cidade distante dos grandes centros, a repercussão poderá ser grande. Nesse caso, deve-se atuar localmente, ou seja, a instituição em crise não deve ampliar a informação. Uma ideia básica é atender inicialmente, salvo exceções, órgãos de comunicação que realmente queiram informação, e não dar respostas a quem não pediu. Deve-se ter cuidado com as redes sociais (orkut, facebook, twitter, myspace) porque, nesses ambientes virtuais, os desdobramentos são muito rápidos.

Nunca mentir. Em se tratando de entidade religiosa, isso parece óbvio, mas, no momento da crise, mentir

parece ser a melhor saída, mas não é. Não apenas pelas questões moral e bíblica. Mentir sobre uma situação em tempo de crise é dar espaço ao fracasso do gerenciamento. Informações falsas ou incompletas costumam ser descobertas por meios de comunicação com equipes bem treinadas, e o resultado é pior do que a própria crise instalada. Todas as providências prometidas para minimizar os efeitos do problema, ou solucioná-lo, devem ser realizadas; caso contrário, nem devem ser prometidas.

Silêncio “é ouro”. Nem sempre a melhor estratégia é dar explicações imediatas para alguma situação. Cada caso deve ser especificamente avaliado, mas pode haver momentos ou situações em que o silêncio da igreja é a melhor alternativa. Geralmente, quando não se tem nenhuma informação a dar, ou a igreja é envolvida muito indiretamente. Porém, essa não é uma regra inflexível, e sim, uma possibilidade em alguns casos.

Porta-voz. Normalmente, em crises de instituições em que não existe um “proprietário” humano, a tendência é de que membros em geral, líderes locais e pastores queiram dar versões sobre o ocorrido, com a boa intenção de ajudar. Porém, na maioria das vezes, as informações divulgadas, mesmo que próximas da crise, são desconstruídas, incompletas e geram ainda mais dúvidas entre a opinião pública. O ideal é que haja um porta-voz oficial, designado para falar em nome da instituição. É prudente evitar que esse porta-voz seja administrador do Campo. A função cabe ao assessor de imprensa, desde que seja bem preparado.

Nota oficial. Essa nota deve estar pronta para divulgação aos meios de comunicação do local da ocorrência, caso se necessite de posicionamento oficial da igreja. Ela deve ser cuidadosamente redigida pela assessoria de imprensa, de preferência com supervisão da administração, equipe jurídica e demais setores envolvidos no assunto. Lembre-se: a nota deve esclarecer; não confundir ainda mais.

Monitoramento de informações. Em todo processo de crise, é necessário contar com o monitoramento profissional e rápido de tudo o que é veiculado na mídia a respeito do caso em pauta. Se não houver estrutura própria em União, Campos e instituições, a saída é contratar empresas especializadas em gerar *clipping*, ou seja, fazer a coleta de tudo o que se propaga em relação ao fato gerador da crise.

Atendimento aos prejudicados. Em casos de um acidente ou fatalidade envolver a igreja, é fundamental que os líderes regionais deem apoio, ajudem e demonstrem compaixão para com as vítimas, ainda que não tenham nenhuma responsabilidade direta. É uma forma de demonstrar a prática da teoria de que a igreja existe para fazer o bem.

O preço da exposição

Precisamos estar conscientes de que as crises podem ser cada vez mais comuns, visto que a Igreja Adventista do Sétimo Dia está cada vez mais presente nos meios de comunicação, seja através de programas de televisão, divulgação por assessoria de comunicação, publicidade ou criação de *web sites* oficiais, seja por meio das informações que os membros disponibilizam nas redes sociais particulares. Além disso, a Igreja Adventista é formada por indivíduos pecadores, mesmo entre seus líderes, passíveis de cometer maiores ou menores deslizes que podem repercutir. Finalmente, as profecias apontam com clareza que o povo que guarda os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus será objeto de ataques espirituais com a finalidade de enfraquecê-lo.

O gerenciamento de crise na Igreja Adventista do Sétimo Dia é um trabalho técnico, mas, acima de tudo, também espiritual. Enquanto um grupo atua tecnicamente para minimizar ao máximo os efeitos nocivos da má exposição pública, outro grupo deve se envolver com oração intercessora, para que a situação seja resolvida de acordo com a vontade de Deus. ■



PONTO DE VISTA

Leia com atenção

Fique atento aos perigos existentes nas entrelinhas de dois livros bastante utilizados pelos estudiosos do crescimento de igreja

O pastor batista Rick Warren tem escrito livros amplamente difundidos e causadores de impacto. Muitos cristãos têm lido com interesse os livros *Uma Igreja com Propósito*¹ e *Uma Vida com Propósito*,² manifestando as mais distintas reações. O que se segue neste artigo são pensamentos que expressam uma breve impressão provocada pela leitura dessas duas obras.

Graduado pelo Seminário Teológico Batista do Sul, em Fort Worth, Texas, Warren conta a história da igreja da Comunidade do Vale de Saddleback, no condado de Orange, Califórnia, estabelecida por ele em 1980, a qual pastoreia há 30 anos. No livro, Warren compartilha os segredos que levaram sua congregação de 205 para dez mil assistentes, 15 anos depois, tornando-a conhecida como a igreja

batista de mais rápido crescimento na história da América. Na época da publicação do livro, essa igreja havia iniciado outras 25 e, nos últimos sete anos, batizou 9.100 pessoas.

O autor parte da base de que somente Deus pode fazer a igreja crescer (1Co 3:6). Sua tese defende o crescimento como consequência natural de uma igreja viva; portanto, o ponto-chave é a saúde da igreja (Cl 2:19). Diz ele: “O crescimento de uma igreja é o resultado natural de sua saúde”.³

Relembrando a história da igreja de Saddleback, surgem as primeiras convicções: (1) a atenção é direcionada às pessoas e não aos edifícios; (2) a necessidade de pastorados longos; (3) importância do chamado para alcançar os descrentes; (4) o contato direto com a comunidade é indis-

pensável, (5) o referimento de um novo modelo de culto e (6) uma clara definição de visão e missão.

Propósitos da igreja

Warren se concentra no propósito mobilizador da igreja e insiste na necessidade de defini-lo ou redefini-lo. Esse propósito é o fundamento para uma igreja saudável. Os propósitos devem ser não apenas definidos, mas também comunicados regularmente e aplicados a cada parte da igreja, além de servir como centro organizador de toda a igreja. É correta a indicação de que eles devem ser extraídos da própria Bíblia.

Assim, a igreja de Saddleback definiu seus cinco propósitos: Adoração, evangelização, comunhão, discipulado e serviço. A igreja foi então organizada de acordo com esses propósitos,

considerando os diferentes círculos de compromissos: A comunidade, a multidão (assistentes regulares), a congregação (membros batizados), os comprometidos e o núcleo (obreiros e líderes). Em seguida, veio a aplicação dos propósitos à programação, ao planejamento, orçamento, pessoal, à pregação e demais atividades.

“Segundo Warren, a música no culto deve ser de acordo com a preferência do público. Isso é absolutamente discutível”

Rick Warren acredita que uma igreja não pode alcançar todas as pessoas, razão pela qual deve definir seu alvo entre aqueles a quem pode alcançar melhor, e, então, desenvolver a estratégia adequada. Ao mesmo tempo, a desafia no sentido de atrair multidões através de ministérios orientados às necessidades da comunidade.

A adoração é um ponto-chave na estratégia de Warren. Por isso, criou o que foi denominado de “serviço para buscadores” (orientado aos inconversos). Ele se mostra convencido de que não existe um estilo certo de culto, mas uma liturgia caracterizada pelo amor, respeito, que seja prática, orientada e sensível aos temores, carências e necessidades dos crentes e dos incrédulos. Não acredita que se deva comprometer a mensagem, mas torná-la compreensível. O propósito da evangelização domina os principais cultos nos fins de semana. A edificação dos crentes é realizada nos cultos do meio da semana.

Uma questão delicada permeia o planejamento do culto para os descrentes, que devem ser de fácil acesso, breves (70 minutos), fluidos, iluminados, brilhantes, alegres, criando assim uma atmosfera atrativa e fazendo com que eles se sintam à vontade. Ainda mais complexo é o critério recomendado para a escolha da música: deve ser de acordo com o estilo preferido pelo grupo que se pretende alcançar.

O autor não acredita que haja estilos musicais bons ou ruins, melhores ou piores, nem música sacra ou secular, a não ser pela mensagem da letra. A igreja de Saddleback optou pelo estilo pop/rock contemporâneo. Diz seu pastor: “Usamos o estilo de música que a maioria das pessoas de nossa igreja ouve no rádio”.⁴ Com base numa pesquisa realizada na comunidade, os hinos tradicionais foram substituídos pela música rítmica, de letras consideradas atuais, e acompanhada por bandas.

A seguinte preocupação é típica do pensamento de Warren: “Convidamos os ‘sem-igreja’ para vir e sentar em cadeiras do século 17 (as quais chamamos bancos), cantar músicas do século 18 (as quais chamamos hinos), ouvir um instrumento do século 19 (órgão), e depois nos surpreendemos por eles nos acharem cafonas!”⁵

Essa postura é absolutamente discutível, considerando-se que a música é uma linguagem que diz muito, independentemente de sua letra. Por outro lado, a Bíblia fala dos instrumentos que eram usados na adoração do templo, e temos uma ideia de suas características.

A pregação também está dirigida aos descrentes. É uma pregação temática, considerada melhor para o evangelismo, e que tem origem a partir de uma necessidade dos ouvintes. São utilizadas traduções modernas da Bíblia e são anunciadas com títulos atrativos. Geralmente, são pregados sermões em série. A intenção é que os interessados se convertam em membros amadurecidos da igreja, incentivando relacionamentos fortes e a participação nos pequenos grupos, para que finalmente eles se tornem ministros a serviço de Deus. Para isso, a estrutura organizacional é dinâmica, sem reuniões de comissões, mas com abundantes ministérios diferentes que tomam suas próprias decisões. As pautas são mínimas, são delegadas responsabilidade e autoridade e se providencia o apoio necessário.

Uma Igreja com Propósito evidencia a enorme capacidade que tem o autor para mostrar aquilo que se tem provado na prática de sua igreja. O livro é recomendado, por muitos líderes eclesiais e pregadores de diversas denominações, como verdadeiro clássico. Leitores interessados em crescimento de igreja reconhecem que as ideias veiculadas podem ser aplicadas em outras congregações. É indiscutível a proposta do autor, no que tange à saúde da igreja destinada ao crescimento e à clareza do propósito que deve mover toda ação. Porém, a obra tem suscitado interrogações e questionamentos sinceros entre muitos que têm tido contato com seu conteúdo. Warren se tem direcionado para um dos pólos de tensão característicos do pastorado, escolhendo os não crentes como alvo das ações da igreja. A atitude parece generosa e acertada. Ao mesmo tempo, parece admitir ser suficiente que as pessoas tenham aceitado a fé cristã, sem levar em conta a pureza da doutrina ou legitimidade da experiência delas. A questão aqui é a seguinte: Devemos pregar apenas aos não crentes ou se requer que o povo de Deus testemunhe da verdade presente a todo aquele que esteja disposto a ouvir, seja crente ou não? Acaso, transferir a outros a responsabilidade de trabalhar pelas pessoas que a igreja não se propôs alcançar, não seria um passo muito grande em direção à aceitação de qualquer expressão cristã como sendo adequada para evangelização neste tempo?

O autor fez sua escolha nessa renhida tensão quanto ao objetivo do culto. Vê adoração e evangelização como sendo sinônimos. Evidentemente, os que defendem o direcionamento dos cultos apenas para os inconversos devem se lembrar da prioridade da adoração e da orientação vertical nas ações litúrgicas. Parece que o triplice objetivo de adorar, edificar e evangelizar, dentro do adequado equilíbrio, responde melhor ao modelo de adoração do Novo Testamento.

O modelo proposto por Warren está direcionado por um sistema congregacional de governo centralizado numa liderança pastoral sem limite de tempo. Se, conforme é argumentado, nesse modelo, a igreja alcança um estilo mais definido e orienta sua atividade com maior projeção, devemos considerar os comprovados benefícios de um sistema representativo de governo, com um ministério amplo, no qual a diversidade de dons opera em benefício da igreja e de sua missão.

Uma igreja que direciona todas as suas atividades centrais para a evangelização pode cair na tentação de exagerar sua contextualização, assumindo como próprias as características daqueles que ainda não se deixaram alcançar pelo poder transformador do evangelho de Cristo. Talvez, o exemplo mais evidente dessa adaptação desequilibrada seja a adoção de um estilo de música própria das preferências secularizadas. Ao afirmar que não existe estilo sacro de música nem espiritual, além da poesia, e ao escolher o rock por causa de sua popularidade de universalidade, Warren vai longe demais. É verdade que existe o desafio da atualização e inovação permanentes, mas é impossível apagar toda distinção entre o sagrado e o profano, bem como adaptar a mensagem de tal maneira que se coloque em risco a identidade da igreja.

Propósito da vida

Uma Vida com Propósito se apresenta como “o guia para uma jornada espiritual de 40 dias”.⁶ O autor acredita que 40 dias são um período espiritual significativo, e organiza seu livro em 40 capítulos curtos. Há muita coisa boa, inspiradora e orientadora nessa publicação.

Warren aborda diretamente a questão do propósito pelo qual estamos na Terra e extrai da Palavra de Deus cinco propósitos revelados. Põe Deus no início de todas as coisas e se nega a pensar no ser humano como acidente. Estabelece o destino

eterno que Deus ofertou a quem se deixa guiar por Ele. A partir dessa perspectiva, a vida se apresenta como uma designação temporal. São estes os cinco propósitos: (1) adorar, (2) amar os cristãos, (3) nos igualarmos a Cristo, (4) servir com nossos dons e (5) testemunhar.

“Warren ignora o ensinamento bíblico de que a imortalidade é atributo exclusivo da Divindade”

1. “Você foi planejado para agradar a Deus.” A adoração é descrita como estilo de vida que nada tem que ver com o estilo de culto ou de música. O argumento é que “Deus ama todos os tipos de música porque Ele inventou todas...”⁷ Esse tipo de glorificação por meio da experiência faz Deus sorrir. É clara a ideia de que o núcleo da adoração é rendição, entrega e amizade com Deus, por meio da oração, meditação e obediência.

2. “Você foi formado para fazer parte da família de Deus.” Através do batismo, ingressamos em uma comunidade de amor. Esse lugar de pertencimento deve ser uma igreja local e viva. A vida em comunidade deve ser cultivada e fortalecida mediante a participação em pequenos grupos. O companheirismo é restaurado e os crentes cuidam de sua igreja.

3. “Você foi criado para se tornar semelhante a Cristo.” Para isso, os crentes têm que cooperar com o Espírito Santo. Deus usa Sua Palavra, pessoas e circunstâncias para operar o crescimento, enquanto transforma a vida pela verdade, através dos problemas e tentações, num processo que leva tempo.

4. “Você foi moldado para servir a Deus.” Essa é uma designação que deve ser aceita, enquanto se procura a forma de servir a Deus. O segredo é usar o que Ele já nos deu, ou seja, dons espirituais e recursos. Os verdadeiros servos estão interessados não tanto na liderança, mas no serviço.

5. “Você foi feito para uma missão.” Encontrá-la é achar, também, o propósito da vida. A mensagem necessita ser partilhada com o mundo inteiro. Essa missão dá equilíbrio à vida e lhe confere um sentido transcendente.

Rick Warren enfatiza a soberania e a predestinação de Deus, em termos que muitos consideram exagerados. Por exemplo, diz que Deus escolheu “o momento exato de seu nascimento e de sua morte”.⁸ Parece deixar de lado outros fatores ambientais do mundo caído em que vivemos e certas escolhas individuais que afetam a vida. Aos olhos do autor, o destino humano está inteiramente fixo.

Aqueles que sustentam um conceito antropológico monista rejeitarão com energia a crença do autor na imortalidade da alma. Diz ele: “Seu corpo terreno é apenas uma residência temporária para seu espírito”. Consequentemente, crê que a morte “será o fim de seu corpo e de seu tempo na Terra; porém, não é o fim do seu ser”,⁹ e que “a morte não é o fim, mas a transição para a eternidade”.¹⁰ Ignora-se, dessa maneira, o ensinamento bíblico de que a imortalidade é atributo exclusivo da Divindade.

Não há dúvida de que, nas duas publicações aqui resenhadas, existem conceitos interessantes sobre o crescimento da igreja e a própria vida. Porém, estão misturados a muitos outros que requerem análise crítica sob a luz dos ensinamentos das Escrituras. Isso requer atenção, sabedoria e maturidade espirituais do pesquisador. ■

Referências:

¹ Rick Warren, *Uma Igreja com Propósitos*, (São Paulo, SP: Editora Vida, 2001).

² _____, *Uma Vida com Propósitos*, (São Paulo, SP: Editora Vida, 2003).

³ _____, *Uma Igreja com Propósitos*, p. 53.

⁴ *Ibid.*, p. 276.

⁵ *Ibid.*, p. 282.

⁶ Rick Warren, *Uma Vida com Propósitos*, p. 9.

⁷ _____, *Ibid.*, p. 59.

⁸ *Ibid.*, p. 22.

⁹ *Ibid.*, p. 33.

¹⁰ *Ibid.*, p. 34.



Pecado e genética

Existe algum gene que poderia ser responsabilizado pelo comportamento pecaminoso do ser humano?

Por que todo descendente de Adão e Eva, exceto Jesus Cristo, comete pecado? Escrevendo aos romanos, disse o apóstolo Paulo: “Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:23). Esse assunto é reiterado no capítulo cinco da mesma carta: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5:12).

Sobre essa passagem, o Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia declara: “Quando Adão e Eva se rebelaram contra Deus, eles não apenas perderam o direito à árvore da vida, o que inevitavelmente resultou na morte deles e na transmissão da morte a seus descendentes, mas, por causa de seu pecado, também se tornaram depravados

em sua natureza, reduzindo assim a força para resistir ao mal... Assim, Adão e Eva transmitiram à sua posteridade uma tendência para pecar bem como a sujeição ao correspondente castigo, a morte.”¹

Se assim for, teríamos nós um fator hereditário que nos colocaria em desacordo com o Senhor? Poderia esse fator ser um “gene do pecado”?

Genes

Os genes determinam nossa constituição física, traços básicos de personalidade e atitudes. Eles exercem grande influência sobre quem somos e como nos comportamos. Os genes são segmentos de cromossomos que dirigem a produção de proteínas. A partir de 2003, sabemos que a estrutura química de nossos genes se espalham por 24 cromossomos.²

O material genético humano, encontrado em cada célula (exceto os glóbulos vermelhos), consiste de 3.164 bilhões de unidades chamadas nucleotídeos. Toda informação requerida para formação de um ser humano se encontra na ordem em que os quatro diferentes nucleotídeos estão acoplados. Um único gene contém milhares de nucleotídeos e seus códigos para um ou mais tipos de proteína. Cada um de nós tem aproximadamente trinta mil genes, mas só conhecemos as funções de aproximadamente metade deles. Entretanto, os genes ocupam apenas 2% de nossos cromossomos; os 98% restantes são material “não-gene” cujas funções ainda não são bem compreendidas.

Contudo, ninguém sabe como saímos das proteínas para o comportamento e personalidade; em parte, devido à nossa incompleta compreensão da função cerebral. Toda atividade cerebral depende dos movimentos nervosos entre milhões de células cerebrais. Na junção entre as células nervosas existem lacunas chamadas sinapses. Os impulsos nervosos não podem passar de uma célula a outra, sem os neurotransmissores. Suspeitamos que os níveis desses neurotransmissores (produzidos pelas proteínas) provavelmente determinem como são gerados os pensamentos e sentimentos.

A influência dos genes é claramente vista em crianças, quando elas mostram aptidão para arte, música, matemática e outras áreas – tudo herança de nossos ancestrais. Porém, se nessa herança existe a tendência para pecar, a grande pergunta é: Qual dos trinta mil genes é responsável por isso?

Na queda

Depois dos seis dias da criação, “viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1:31). O Criador fez uma exaustiva revisão de todos os aspectos da criação, segundo as perspectivas da engenharia, biofísica, bioquímica, psicologia, ecologia, relacional e sociologia.

Portanto, devemos aceitar que nada havia de errado com Adão e Eva, quando eles saíram das mãos do Criador. O primeiro casal não poderia ter sido criado com tendência a pecar. Assim sendo, vamos dar uma olhada na história do primeiro pecado real, em busca de vestígios que nos ajudem a entender como foi adquirida a tendência a pecar.

No relato do Gênesis sobre a queda do ser humano em pecado, a única consequência foi que “abriram-se, então, os olhos” de Adão e Eva, e eles foram despertados para o fato de que estavam nus. Na ausência de informação adicional, “abriram-se, então, os olhos” é uma frase difícil de compreender, mas isso, de modo nenhum poderia implicar uma súbita depreciação da estatura moral de Adão e Eva.

O que aconteceu a eles, depois do pecado? Acaso, teria o Senhor modificado os genes de ambos, de modo que a partir de então a natureza do casal se tornasse pecaminosa? Embora isso tenha sido possível, é muito mais seguro permanecermos confinados aos limites da narrativa bíblica. Ao lado disso, seríamos nós capazes de crer que o Criador de toda coisa boa e maravilhosa se rebaixaria para corromper Sua própria criação?

Seja o que for que tenha acontecido no Éden, e depois, na queda, a noção de que nós temos a compulsão para o pecado inserida em nossa própria estrutura é, na verdade, preocupante. A expressão dos genes é automática (como a cor do cabelo ou o formato do nariz de alguém); não temos escolha nesse assunto. Assim, caso tenhamos um “gene do pecado”, o comportamento pecaminoso poderia ser considerado produto natural e irresistível da natureza humana.

Para agravar ainda mais o assunto, alguns textos bíblicos parecem dar a impressão de encorajar o argumento de que o pecado tem uma base genética. Um deles é o seguinte: “Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas?

Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal” (Jr 13:23). Felizmente, esse texto pode ser compreendido como afirmando que o comportamento pecaminoso tem se tornado tão natural, como as características geneticamente determinadas, que pecamos tão facilmente. Isso faz mais sentido do que ver nesse texto alguma evidência para um suposto gene do pecado.

“A ideia de que o comportamento pecaminoso resulta de influências externas abre caminho para que seja desculpável””

Gene duvidoso

Na verdade, os argumentos contra a noção de um gene do pecado são mais impressionantes que os argumentos favoráveis. Se o pecado tivesse uma base genética, o Criador poderia ser responsabilizado pela nossa natureza pecaminosa. O julgamento do comportamento pecaminoso se constituiria uma simulação de justiça. Mesmo nas cortes celestiais, o comportamento divergente baseado em causas fisiológicas é tratado de maneira compassiva.

Adicionalmente, não haveria maneira conhecida para fazer alguém deixar de pecar, e a conversão somente seria possível com uma mudança genética. Ordinariamente, caminhamos através da vida com nossos genes herdados; o comportamento não altera os genes. A exceção a essa regra é a exposição à radiação ou a substâncias mutagênicas. Alguém pode argumentar que o Senhor poderia, sobrenaturalmente, alterar o gene do pecado. Mas, depois de tal mudança, o indivíduo convertido seria incapaz de pecar novamente, a menos que pudesse haver outra mudança genética, desta feita, na direção errada.

E mais: se fosse possível identificar um gene do pecado, o problema poderia ser resolvido por meio de

alguma terapia genética, assim como acontece com qualquer outra doença causada por genes defeituosos. Não haveria razão para pensar que a graça salvadora de Deus fosse necessária para a transformação do caráter.

Então, como nós poderíamos explicar a natureza sem pecado de Jesus? A não ser que Ele tivesse nascido sem o suposto gene do pecado, ou este fosse de algum tipo mutante, uma variedade impossível de pecar. Nenhuma dessas opções parece satisfatória, especialmente considerando que o Salvador também deve ser visto como nosso exemplo.

Se o pecado não é passado de uma geração à outra através de genes, outra única possibilidade poderia ser as influências ambientais. Mas, a ideia de que o pecado resulta de influências externas abre o caminho para que seja desculpado. Ao lado disso, podemos encontrar muitos exemplos mostrando que o pecado pode ocorrer em um ambiente perfeito, como o Jardim do Éden, ou não necessita ocorrer em um ambiente pecaminoso. Jesus cresceu em Nazaré e não se deixou contaminar pelas influências que O cercavam.

Pecado só é pecado quando é originado da livre escolha do ser humano. Se o comportamento pecaminoso de alguém for resultado de forças externas ou internas, ele pode ser desculpável. Por exemplo, existe uma condição geneticamente determinada, chamada de “síndrome de Tourette”. Indivíduos com essa doença têm uma forma profana de falar. Também há casos documentados em que lesões na cabeça têm resultado em profundas alterações na personalidade de uma pessoa. Nesse caso, pessoas anteriormente responsáveis se tornam fantasiosas e irresponsáveis.

Autopreservação

A amplamente espalhada natureza do pecado certamente sugere a presença do elemento genético, entretanto irrazoável, ou de um gene do pecado. Mas, que dizer se o comportamento pecaminoso for

causado não apenas por um fator, mas por uma combinação de fatores, inclusive alguns de natureza genética? Além disso, os componentes genéticos não poderiam compelir ao comportamento pecaminoso, mas simplesmente nos predispor a ele, deixando conosco a liberdade para decidir pecar ou não pecar.

Vamos considerar o gene pecaminoso chamado *egoísmo*, que é a promoção do interesse pessoal acima das necessidades de outras pessoas. Na realidade, esse pecado pode ser descrito como uma distorcida expressão de autopreservação, tendo nosso instinto para o pecado do egoísmo como o fator genético. Durante muitos anos, estudei as mudanças bioquímicas na bactéria *Escherichia coli*, depois da exposição dela ao agente redutor chamado tioglicerol. Notei que essa substância inibe ou retarda o crescimento dessa bactéria, e decidi pesquisar como isso acontece.³ Foi verificado que a célula bacteriana toma medidas extremas para se libertar da substância ofensiva.⁴

Agora sabemos que, mesmo nessa simples bactéria, existe transmissão de genes designados a defender a célula contra os efeitos adversos de súbita eclosão de calor, frio, pressões externas, e muitas outras mudanças ambientais.⁵ Em outras palavras, a vontade de viver foi construída, pelo Criador, na própria fibra de todo organismo.

Adão e Eva, também, foram criados com esse instinto de autopreservação. Enquanto estavam sem pecado, eles se sentiam seguros nos limites afetuosos do Éden. Porém, depois do pecado, quando se encontraram estupefatos diante de uma súbita incerteza quanto ao futuro e eventual morte, seu instinto de sobrevivência emergiu. Esconderam-se do Senhor e tentaram lançar para longe de si mesmos o fardo da culpa.

Nós também tratamos diariamente com nossos instintos de sobrevivência. Em toda situação em que nos encontremos, essa necessidade nos impela a escolher um curso mais van-

tajoso para nós mesmos. Porém, aqui nós temos uma verdadeira escolha: não somos compelidos a beneficiar a nós mesmos durante todo o tempo. Nesse nível, os seguidores do Mestre são solicitados a praticar autonegação em favor de outros.

Acima dos instintos

De fato, Paulo diz que o cristão é chamado a morrer diariamente para o eu (1Co 15:31); mas, ele mesmo confessou: “Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (Rm 7:21-23).

A lei a que Paulo se refere aqui bem pode ser nosso egoísmo enraizado, mas sem gene do pecado. Embora sejamos geneticamente programados para lutar pela sobrevivência e buscar conforto, podemos controlar a extensão na qual responderemos aos nossos impulsos internos. Não somos fantoches nas mãos dos nossos genes.

Enquanto estivermos na Terra, enfrentando incertezas, envelhecimento e morte, teremos que lidar com o egoísmo, um pecado tão difundido quanto a gravidade. Mas, assim como as águias têm asas para enfrentar a gravidade (Is 40:31), o filho de Deus tem acesso ao Espírito Santo a fim de superar o egoísmo (Rm 8:9-11). Somente na Nova Terra, quando as perspectivas de doenças e morte serão removidas, estaremos libertados das sombrias consequências de nosso instinto de sobrevivência. ■

Referências:

- ¹ Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia, v. 6, p. 531.
- ² J. D. McPherson, *Nature* 209, p. 934-941; J. C. Venter, *Science* 291, p. 1304-1351.
- ³ K. Jensen e G. T. Javor, *Antimicrobial Agents and Chemotherapy* 19 (1981), p. 556-561.
- ⁴ G. T. Javor, *Antimicrobial Agents and Chemotherapy* 23 (1983), p. 860-867.
- ⁵ E. C. C. Lin e A. S. Lynch, *Regulation of Gene Expression in Escherichia coli* (Georgetown, TX, e Nova York, NY: R. G. Landers and Chapman & Hall, 1996).



APOCALIPSE

Mais que um biochip



Anos atrás, recebi um e-mail advertindo-me de que a “marca da besta” era iminente. O mensageiro explicava que uma empresa de informática estava desenvolvendo biochips para serem implantados em nossas mãos e fronte. Como havia um pedido para que a mensagem fosse reenviada, é provável que muita gente a tenha recebido.

Esse episódio reforça a importância de esclarecermos a verdade sobre a marca da besta. Muitos cristãos acreditam que ela é alguma forma de tecnologia que será usada para

controlar a vida econômica dos cidadãos, no fim dos tempos. Os adventistas do sétimo dia têm oferecido uma explicação independente de tecnologias, vendo-as como periféricas ou potencialmente irrelevantes. O interesse do Apocalipse não é tecnologia do futuro, mas tecnologia, espiritualidade e moral, fundamentando sobre a narrativa bíblica seu conceito da marca.

Então, qual é a visão adventista? Primeiramente, devemos notar que a explicação é controversa ou mal-compreendida. Cremos que, no fim do tempo, o mundo terá de escolher

A marca da besta nada tem que ver com a utilização de tecnologia humana nem com marcas literais em nosso corpo

entre obedecer a Deus ou receber a marca da besta. Compreendemos que o selo de Deus inclui a observância do sábado. A marca da besta é a rejeição do selo de Deus em favor de uma alternativa humana. Mas, em uma compreensão adventista mais ampla, o selo de Deus é muito mais que a guarda do sábado.

Alguns pensam que a marca da besta é algo do presente. Não cremos que ela exista presentemente, nem existirá até que os eventos de Apocalipse 13 se concretizem. A marca da besta inclui muito mais que a guarda do domingo e está restrita a um curto período de tempo imediatamente antes da segunda vinda de Cristo. Para nós, a guarda do domingo é apenas uma tradição humana, que se tornará parte da marca, mas não antes que todos os eventos de Apocalipse 13 sejam materializados.

Análise racional

Temos desenvolvido muitas explicações para nossa crença. Elas têm se mostrado valiosas, mas ultimamente a compreensão tem se ampliado. Sempre temos explicado que o selo de Deus e a marca da besta são opostos. Portanto, se podemos conhecer o selo, encontramos a identidade da marca. Isso está claro. Explicamos que um selo tem três componentes: o nome, o título e o território de abrangência. Então, demonstramos que o sábado cumpre esse critério, ao mencionar o nome do Senhor (nome), como Criador (título) dos céus e da Terra (território). Essa é uma linha razoável de evidência, embora externa a Apocalipse 13.

Uma linha de evidência mais forte nota que a imagem da marca posta na frente é tirada de textos que falam dos mandamentos gravados na frente e testa (Dt 6:8-8; Hb 10:16; Pv 7:2, 3). Isso sugere que a marca da besta é o oposto aos mandamentos de Deus (incluindo o mandamento do sábado). Tudo isso é bom; mas, é tudo?

Perspectiva ampla

Acaso, existem evidências, em Apocalipse 13, que apoiem a posição adventista sobre a identidade da marca da besta? Sim.

Em um de seus artigos, Jon Paulien diz que a resposta de Deus às bestas é chamar o povo para adorá-Lo como Criador (*Journal of Adventist Theological Society*, v. 9, 1988, p. 179-186). Adoração é um tema central no

Apocalipse, e o chamado de Deus à adoração alude ao mandamento do sábado (Ap 14:7). Adoração a Deus fundamentada no sábado é oposta à adoração da besta. Isso complementa outro ponto importante, ou seja, a identificação do povo de Deus como os que “guardam os mandamentos” (Ap 12:17; 14:12). Quais são esses mandamentos? Os dez mandamentos, com focalização especial nos quatro primeiros, que tratam de adoração e obediência a Deus.

Na tentativa da besta para forçar o mundo a adorar a imagem dela (Ap 13:15), há clara violação do segundo mandamento. Alguns estudiosos têm notado que mais de um dos primeiros quatro mandamentos é atingido pelo dragão e pelas bestas. A consistência dos ataques aos mandamentos sugere que é impossível compreender a marca da besta, a menos que seja compreendida à luz de suas ações contrárias à lei. Podemos esperar que ela se oponha, substitua, quebre ou falsifique um dos mandamentos.

Quando examinamos mais detalhadamente a marca da besta, percebemos que ela realmente é uma paródia do sábado. A marca e o sábado expressam realidades totalmente diferentes. Enquanto o sábado focaliza o verdadeiro Deus Criador, a marca leva a obedecer a falsos deuses. O sábado provê liberdade econômica e repouso; a marca é reforçada por sanções econômicas e opressão. Em sua extensão, os dois mandamentos são universais. Diferentemente do sábado, que nos convida a lembrar e honrar nosso Criador e Redentor, a marca exalta a autoridade da criatura. O sábado e a marca da besta são diferentes sinais que revelam o verdadeiro caráter de seus autores.

O número 666

Nosso estudo também pode nos ajudar a compreender a íntima ligação entre a marca, o nome e o misterioso número da besta: 666. Diz o texto: “para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que

tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis” (Ap 13:17, 18). O chamado para calcular nos anima a olhar o número seis, escriturística e teologicamente, em vez de matemática ou numericamente.

O número da besta é definido como número humano. Não é divino. Qual é o número de Deus e, por extensão, Sua marca ou selo? Nosso estudo sugere que o sábado é a marca de Deus, levando Seu nome (Senhor, Deus) e seu número (sétimo dia). As raízes simbólicas dos números da besta e do sábado partilham o mesmo antecedente bíblico. Em Gênesis 1, a humanidade foi criada no sexto dia. Na criação, “seis” é o número da humanidade. Mas, a criação não estava completa até o sétimo dia, quando Deus nele repousou, o abençoou e o santificou. Na criação, sete é o número de Deus e Seu sábado.

Qual é o significado disso? O número 666 parece apontar uma rejeição final da humanidade em adorar o Criador e reconhecer Seu memorial – o sábado. O livro de Gênesis nos mostra que somos completos apenas em nosso Criador. O alvo da criação é Deus conosco e nós com Deus. Assim é o sábado. Ele mostra nossa inteireza somente em Deus, nosso Criador. A crise final não é algo relacionado apenas à obediência, mas à revelação do caráter de Deus, comparado ao dragão e à besta.

Assim sendo, a marca da besta não tem que ver com biochips, mas com relacionamento, fé, amor e obediência. Qualquer pessoa pode receber literalmente, através de um biochip, o número 666 na frente ou na mão. Porém, isso não significa que tem a marca da besta. O assunto não é tecnologia, nem marcas literais em nosso corpo. A questão real é adoração; entrega de mente, coração e tudo o mais a Deus. É sobre quem Ele é e como Ele é. ■

PROTEJA SEU CORAÇÃO

por Jina Kim

Coordenadora do Programa de Bem-Estar, na Associação Geral da IASD

Muitas metáforas vêm à mente, sempre que a palavra “coração” é mencionada. “Um grande coração” se refere a alguém que é caridoso; “o coração de leão” representa alguém corajoso; “um coração forte” é alguém emocionalmente estável.

Essas metáforas são figuras de linguagem usualmente ligadas às emoções. Mas, acaso você já se perguntou sobre a ligação entre um coração saudável e a qualidade de vida? Seriam válidas essas frases, se o coração não estiver em boas condições? O coração é um órgão vital e complexo; e embora possa não haver ligação entre o coração e as emoções, ele desempenha importante papel em nossa vida. Como “a bomba da vida”, o coração controla o sistema de fluxo de sangue e provê oxigênio para cada célula do corpo.

A má notícia é que doenças do coração afetam negativamente milhões de pessoas em todo o mundo. Segundo a Organização Mundial de Saúde, por volta de 2020, doenças do coração e derrames se tornarão a principal causa mundial de morte e incapacitação. Elas afetam homens, mulheres, jovens e crianças, e os pastores não se constituem exceção.

Como podemos servir ao Senhor com todo o nosso coração, quando o coração físico permanece em risco? O salmista escreveu: “Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste” (Sl 139:14), e nós deveríamos reconhecer a importância de permanecer saudáveis para servir ao Senhor e testemunhar efetiva e alegremente.

Os pastores necessitam estar atentos às condições associadas às doenças cardíacas e como limitar ou eliminar seus riscos. Dieta desequilibrada, sedentarismo e diabetes podem aumentar as chances de doenças e ataque do coração e derrame. Mas, eles podem fazer muitas coisas para diminuir as chances de ser acometidos desses males: pelo menos trinta minutos de exercício diário; dieta equilibrada, incluindo frutas, vegetais, grãos, cereais e legumes em proporções apropriadas; tempo para meditar, relaxar e reduzir o estresse.

Outra importante responsabilidade é controlar a taxa de colesterol. O acúmulo de gordura nas artérias aumenta o risco de ataque cardíaco e se torna prejudicial à saúde.

De acordo com a Associação Americana do Coração, a taxa de colesterol total deve ser menos que 200 mg/dl. Em adição, a taxa de HDL (colesterol saudável) deve ser maior que a do LDL (colesterol ruim).

A pressão sanguínea deve ser aferida com frequência, considerando que a hipertensão é um fator significativo de risco de derrames e doenças cardíacas. A pressão sanguínea não deve exceder a 120/80. Esses números representam respectivamente as pressões sistólica e diastólica. Simplificando a questão, a pressão sistólica do sangue é gerada durante a contração do músculo cardíaco e é mais alta, enquanto a pressão diastólica é mantida pelo tônus do músculo do sistema arterial, enquanto o coração está relaxado e se enchendo de sangue.

A pressão sanguínea constantemente acima de 130/85 pode indicar condição de pré-hipertensão. Indivíduos com a pressão nesse nível necessitam reduzir drasticamente a quantidade de sal, fazer exercício e controlar a tendência para aumento de peso. Também necessitam aumentar os níveis de potássio, ingerindo mais frutas e vegetais. O nível mais elevado de potássio ingerido pelos vegetarianos é considerado importante fator para sua pressão mais baixa em relação aos onívoros. Informar-se dos números relacionados a você vai ajudá-lo a permanecer numa faixa saudável.

A saúde desempenha grande papel na espiritualidade. Daniel e seus três companheiros nos deixaram primoroso exemplo de temperança e prudência. Fazer escolhas sábias pode ser o caminho de uma longevidade feliz e saudável. A decisão de ativamente procurar manter a boa saúde pode prepará-lo para os anos da velhice (que é inevitável), e neles poder servir da melhor maneira ao Senhor.

Proteja seu coração, não o maltrate. Conserve-o forte. Como embaixadores de Cristo, nós O representamos em tudo o que dizemos, fazemos e somos. – *Consultores médicos: Dr. Allan Handysides e Dr. Peter Landless, diretores de Saúde da AG*

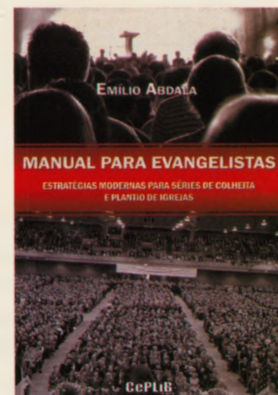


SIMPLES DEMAIS – Timothy R. Jennings, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 970606; 190 páginas.

Sensação de inutilidade.
Autoestima baixa. Culpa ilegítima.
Incapacidade de perdoar. Amargura e ressentimento. Dependência.
Padrões doentios de relacionamento.
Essas batalhas são travadas na mente de milhões de pessoas, incluindo cristãos. Neste livro, você aprenderá acerca do plano de Deus para restaurar o ser humano à Sua imagem. O autor também expõe as táticas de Satanás que interferem no plano divino para a cura da mente. Com as ferramentas apresentadas no livro, você pode cooperar com Deus para alcançar seu próprio bem-estar mental e ajudar outros a obtê-lo também.

MANUAL PARA EVANGELISTAS – Emilio Abdala, Centro de Pesquisa em Literatura Bíblica, Faculdade Adventista da Bahia, Cachoeira, BA, tel.: (75) 3425-8058, www.salt.edu.br/ici, 300 páginas.

O propósito deste livro é desenvolver as implicações práticas do mandato de Paulo a Timóteo, no sentido de fazer o trabalho de evangelista (2Tm 4:5), tendo como alvo seminaristas, pastores, missionários e membros voluntários da igreja. Ele ensina como preparar a igreja para uma série de conferências evangelísticas e oferece sugestões para atrair audiência e manter vivo o interesse.



LUZEIROS – Abdoval Cavalcanti, Editora Ados Ltda., Niterói, RJ, tel.: (21) 2628-0534, ados@ados.com.br, 130 páginas.



Este livro oferece ao leitor a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a história das lanchas adventistas missionárias que, por quase setenta anos, atuaram em algumas regiões do Brasil, contribuindo para a disseminação do evangelho através da assistência social. Destacando a vida de dedicação e os desafios superados pelos pioneiros desse trabalho, a leitura do livro vai inspirar jovens e adultos a se envolverem na especial missão de levar esperança a um mundo sofredor.

VEJA NA INTERNET www.baptistbiblebelievers.com



Nesse endereço está disponibilizada uma excelente e variada biblioteca teológica e homilética em arquivos no formato PDF. Os livros estão classificados por autor e por tópicos. E há também uma classificação que destaca os comentários bíblicos. Os textos mais longos estão separados em vários arquivos, que podem ser abertos na tela e posteriormente salvos ou impressos. Também é possível clicar com o botão direito sobre o título e fazer o *download* imediatamente. Não há como não ficar encantado e agradecido pela quantidade e qualidade do conteúdo aí oferecido gratuitamente. – Márcio Dias Guarda



Bruno Raso

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD

Pense, observe, ouça e fale

Vivemos falando: ao aconselhar, ensinar, pregar ou nos relacionarmos com as pessoas. Escolhas e decisões de muitas pessoas e famílias são influenciadas para o bem ou mal, como resultado de tudo o que expressamos. Por isso, “pense, observe, escute e só depois fale” é a recomendação de Robert Wong (Wong Consultoria Executiva).

Temos mente para pensar, olhos para observar o ambiente, contexto e as necessidades das pessoas, ouvidos para ouvir suas necessidades, seus desafios, inquietações e problemas, e boca para falar. Então, somente depois de pensar, observar e ouvir, estamos em condições de transmitir algo transcendente. Porém, como podemos aplicar esses conceitos ao privilégio que temos de pregar semanalmente várias mensagens que, em muitos casos, são o único alimento espiritual para alguém? Vejamos:

Pensar. Ou seja, meditar, que é resultado de contemplar, orar e comunicar com Deus. “O Senhor tem um grande trabalho para ser feito em nosso mundo. Ele deu a cada homem a sua tarefa. Mas não deve o homem fazer do homem o seu guia, se não quiser extraviar-se; isto é sempre inseguro. Ao passo que a religião da Bíblia incorpora os princípios de atividade em serviço, há ao mesmo tempo a necessidade de buscar diariamente sabedoria da Fonte de toda sabedoria. Qual foi a vitória de Josué? Ele meditava na Palavra de Deus de dia e de noite... Este foi o segredo da vitória de Josué. Ele fez de Deus o seu guia” (Ellen G. White, *O Cuidado de Deus* [MM, 1995], p. 181).

Acaso, serão as “40 madrugadas”, “Lição da Escola Sabatina”, pesquisa sobre algum tema, suficientes para a vida devocional do pastor? Tudo isso é muito valioso e enriquecedor, mas necessitamos aprofundar nossa comunhão com Deus. O pastor Mark Finley apresentou três conselhos práticos para aprofundar e tornar relevante essa experiência devocional: 1) Ler os salmos,

com oração, conversando com Deus; 2) ler e meditar nas últimas cenas da vida de Cristo, tanto na Bíblia como nos escritos de Ellen G. White; 3) partilhar a experiência com a esposa. Por exemplo, resumir em uma frase o conteúdo da leitura e dialogar sobre a aplicação à vida diária.

Observar. Isso significa estar atento aos acontecimentos do mundo, país, ou da região em que se vive, e a relação deles com as profecias bíblicas. Um programa de visitação sistemática a todos os membros da igreja permite visualizar, como nenhuma outra coisa, as necessidades e desafios enfrentados por eles. O pastor ausente durante a semana é irrelevante na pregação do sábado.

Ouvir. Deus falando através de Sua Palavra, à esposa, aos filhos, colegas, líderes, e aos irmãos em Cristo. O ato de ouvir nos permite entender pontos de vista, para que nos enriqueçamos, crescamos, compreendamos e nos habilitemos a falar com sentido e significado.

*“Diga algo que valha a pena.
Alimente, instrua, capacite,
console, inspire”*

Falar. Então, estaremos em condições de falar apresentando conteúdo nutritivo, dotados de conhecimento,

com a mente e o coração. Lembro-me de um professor de oratória que costumava dizer que, se preparasse bem o sermão, poderia pregar durante meia hora. Se o preparo fosse mediano, poderia pregar durante uma hora; mas, se não se preparasse, poderia falar tudo o que quisesse.

Preparar um bom sermão inclui pensar, observar e ouvir. Estudar a Bíblia e os escritos inspirados, escrever, esboçar com divisões claras e bem coordenadas, ilustrações da vida real e atual, com aplicações práticas, apelo à tomada de decisões, espírito de oração e dependência do Senhor. Enfim, com entusiasmo e convicção.

Em nome de Cristo, fale, diga algo que valha a pena. Alimente, instrua, capacite, mobilize, console, inspire, porque “não só de pão viverá o homem, mas de toda Palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). ▀



É só ligar
ou acessar

0800-9790606
www.cpb.com.br/online

Você pode também visitar uma das Lojas da CASA

27 e 28 de
novembro

Sábado, das 20h30 às 24h / Domingo, das 8h às 24h (horário de Brasília)

Participe e divulgue em sua igreja!

Fique por dentro de tudo que acontece na CASA.
Promoções, lançamentos e muito mais.

www.twitter.com/casapublicadora

casa
NO
twitter

